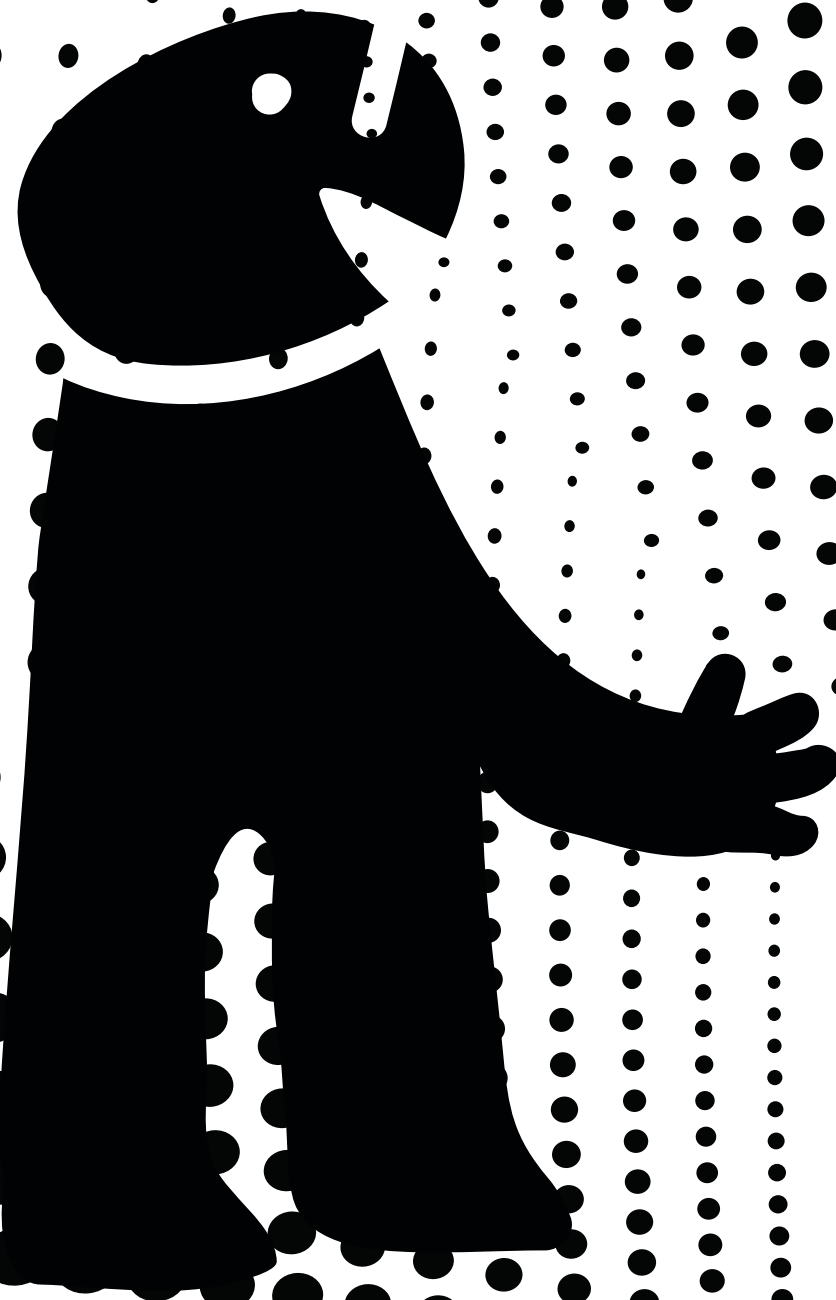


2

O QUE ESPERAM
DE NÓS?



PROJETO



A violência tem consequências físicas, psicológicas e sociais para quem a vivencia, bem como para as suas famílias e comunidades, nomeadamente quando falamos de vítimas crianças e adolescentes. No Brasil, apesar dos serviços oferecidos pelo Estado, o acesso a esses serviços é dificultado por uma série de obstáculos – como a distância física dos serviços, a necessidade das crianças e dos adolescentes serem acompanhadas por uma pessoa responsável e a dificuldade em dar respostas efetivas a tantas demandas complexas e específicas. Dentro deste contexto, a escola pode ser um espaço importante para prevenir, identificar e agir perante situações de violência, não só pelo tempo de permanência dos jovens na escola, mas pela possibilidade de criar múltiplas estratégias para lidar com essas situações.

Sabemos que o investimento no desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes tem um impacto fundamental na sua vida adulta e na qualidade das relações que estes irão estabelecer (Cunha, Heckman, Schennach, 2010; Lannen e Ziswiler, 2014). Estes autores constataam que pouca atenção tem sido dada aos fatores de risco psicossociais como a violência doméstica, estrutural e urbana que podem afetar a infância de modo danoso. Os estudos sugerem que a exposição das crianças e adolescentes à violência urbana e doméstica pode colocá-los em maior risco ao nível de problemas relacionais, tais como comportamento agressivo, redução dos níveis de desenvolvimento sócio emocional, além de afetar o comportamento futuro em relação aos próprios filhos (Walker et al 2011) e de poder ter repercussões significativas sobre a sua saúde, desenvolvimento e bem-estar (Lannen e Ziswiler 2014; ICRW e Instituto Promundo 2012).

O Programa J: Trabalhando com jovens para prevenção de violências foi desenvolvido no âmbito do Projeto *Jovens pelo Fim da Violência*. Este projeto piloto encerrou seu ciclo de 3 anos em dezembro de 2017 e foi financiado pelo Fundo Fiduciário das Nações Unidas de Apoio às Ações para Eliminação da Violência contra as Mulheres, (UNTF). O projeto teve por objetivo construir uma intervenção com base em metodologias já testadas e comprovadas para prevenir a violência contra jovens em cenários de alta violência urbana (Brasil) e pós-conflito (República Democrática do Congo). Inspirado nos Programas H, M e Living Peace (Instituto Promundo) e do Programa Expect Respect (adotado em escolas públicas de Austin, EUA), além da criação de conteúdos originais, desenvolvemos um currículo flexível e com uma abordagem interseccional para trabalhar a prevenção de violências com a juventude.

Através destes quatro programas, e de outros subsídios e referências na área da violência de gênero, no Rio de Janeiro utilizamos um processo de desenvolvimento participativo de metodologia, em parceria com um grupo multidisciplinar de profissionais (psicólogas/os, professores/as, assistentes sociais e pesquisadores/as) do Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares (NIAP) da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME) e do Núcleo de Atenção à Violência (NAV)¹. Após 4 ciclos de implementação de oficinas nas escolas alcançamos um total de quase 500 jovens e 150 professoras(es) e outras/os profissionais com atuação em meio escolar.

¹ ONG especializada no atendimento de crianças e adolescentes vítimas de violência.



O resultado desse processo de (des)construção intensa e coletiva foi a criação desta Caixa de Ferramentas Didáticas, composta por 5 volumes, que discutem questões relacionadas à comunicação, relacionamentos, raça, gênero, participação juvenil e diversidade, relacionando-os com a temática geral da Violência. Encontra-se em desenvolvimento um 6º volume, dedicado exclusivamente ao debate sobre raça, etnia e gênero, pois apesar de adotarmos uma abordagem interseccional em todos os volumes, após três anos de projeto compreendemos que a discussão desses temas precisa de todos os reforços possíveis. Tendo em conta todos os desafios do contexto, nosso objetivo principal consistiu em desenvolver um material de utilização flexível e versátil para ser utilizado por profissionais que já desenvolvem ou queiram desenvolver algum trabalho com jovens, seja na escola seja em outros espaços socioeducativos, visando o debate e a reflexão sobre as inúmeras formas de violência.



SOBRE O PROMUNDO

O Instituto Promundo é uma organização não-governamental fundada em 1997 no Rio de Janeiro, que atua no Brasil e internacionalmente para promover a igualdade de gênero com foco no envolvimento de homens e mulheres. Transformar normas e dinâmicas de poder relacionadas ao gênero é um fator estratégico para prevenir violência, promover saúde e relações igualitárias entre diferentes grupos. Com base em pesquisas, o Promundo busca identificar os fatores que levam à desigualdade de gênero e aqueles que contribuem para a transformação dessa realidade. Assim, são criadas, testadas e avaliadas metodologias para envolver homens e meninos e favorecer o empoderamento de mulheres e meninas, utilizando esportes, escolas, unidades de saúde, empresas e outros espaços. As pesquisas e o resultado da avaliação dos programas e ações desenvolvidos pela organização são utilizados para influenciar políticas públicas que possam aumentar o impacto na transformação das relações de gênero. Para mais informações, acesse: **www.promundo.org.br**



ÍNDICE DO MATERIAL

3	O projeto
5	Sobre o Promundo
8	Iniciando a conversa
10	Nosso posicionamento
11	O que esperam de nós?
32	Religião e Violência
36	Atividade 1 – O que é isso chamado gênero?
38	Atividade 2 – Corpos desejáveis: Por quê?
39	Atividade 3 – Vivências do Cotidiano
40	Atividade 4 – De olho na Linguagem
41	Atividade 5 – O que podemos fazer?
43	Atividade de curta duração – Como inserir esta discussão em sala de aula?
44	E se?
46	Como fazer um fanzine
52	Dicas
58	Serviços
61	Fechamento
67	Glossário



INICIANDO A CONVERSA

Sabemos o quanto o seu dia é cansativo e o quanto são solicitadas uma série de tarefas, como: preparar as suas aulas e/ou atividades, lidar e resolver situações que fogem do seu planejamento, corrigir provas, testes, exercícios, ir à reuniões e ainda dar conta de atividades extraclasse e de todos os outros compromissos do seu cotidiano.

Este material não vem para sobrecarregar o seu dia. Pelo contrário, ele tem como objetivo apresentar a discussão de um tema, propor atividades, dar algumas dicas, sugerir algumas ideias, apontar possíveis caminhos estratégicos para manejar situações que podem ser complexas e contribuir com a sua prática profissional.

Queremos que esta seja uma fonte de consulta para quando surgir a discussão de um tema que permeia a adolescência e a juventude. A ideia é ser apenas uma fonte, justamente para você poder consultar, se informar, mas também ter a liberdade de criar e se apropriar deste material, conforme as suas próprias experiências e o local em que está atuando. Afinal, você é a melhor pessoa para construir soluções para questões que aparecem no seu dia a dia na escola.

Cada volume desta Caixa de Ferramentas apresenta um tema específico, dentro do tema geral da Violência. Porém, você também poderá articular as discussões entre os temas específicos, de acordo com as necessidades percebidas por você. Todos os cinco volumes estão interligados e fazem sentido tanto juntos, quanto separados. Então: sinta-se à vontade para explorar este material da forma que for mais útil.

Este volume, em específico, traz o tema "O que esperam de nós?". Aqui, nós iremos discutir um pouco sobre algumas expectativas que são colocadas e cobradas das pessoas. As expectativas de agir de uma forma ou outra, de sentir de um jeito específico, de ter que se comportar de determinada maneira. Ou seja, todas aquelas cobranças que são feitas para tentar nos adequar a um padrão estabelecido social e culturalmente.



A intenção aqui não é colaborar com essas expectativas, reforçando-as ou incentivando-as. Nossa proposta é justamente o oposto disso. Nós acreditamos que podemos ser de várias maneiras diferentes e que somos livres para estarmos no mundo como quisermos. Para nós é fundamental que se tenha respeito por cada pessoa e seu jeito singular de existir. Mas será que todas as pessoas podem ser aquilo que desejam? Será que na prática é assim que funciona com todo mundo?

Nós acreditamos que podemos ser diferentes entre nós e que somos livres para estarmos no mundo como quisermos, sem que tenhamos de vivenciar situações de violência, por exemplo. Consideramos fundamental que se tenha respeito por cada pessoa e seu jeito singular de existir. Mas será que todas as pessoas podem ser aquilo que desejam? Será que na prática é assim que funciona com todo mundo? Todas as pessoas têm o direito de se expressar e de se colocar no mundo como querem?

Por falar em prática, é importante pontuarmos sobre essa parte essencial do nosso trabalho. Nós sabemos que não é fácil colocar em exercício tudo aquilo que aprendemos ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, refletir criticamente e ter um posicionamento ético. Este trabalho demanda tempo, faz parte de um processo e precisa sempre ser questionado. Portanto, gostaríamos de pontuar que, para nós, uma postura ética² passa por fazer leituras, discussões das situações e de se posicionar sem que nossas opiniões pessoais limitem a liberdade de outras pessoas e restrinjam os direitos de determinados grupos sociais. Enfatizamos, então, que acreditamos e buscamos trabalhar visando uma sociedade totalmente equitativa e justa, um mundo mais vivível para todas as pessoas.

Aproveite o conteúdo e curta a leitura! :)

2 Para saber mais sobre questões relacionadas à ética, ir para o Volume 1 – Construindo vínculos: a força dos coletivos

NOSSO POSICIONAMENTO

Antes de iniciarmos a discussão deste volume é importante falarmos sobre qual é o nosso posicionamento e o que nós buscamos e acreditamos. Nós, pessoas que elaboramos e pensamos neste material, entendemos que em qualquer produto elaborado, qualquer projeto ou discurso, tanto explícito, quanto implícito, sempre haverá um posicionamento, isto é, não acreditamos que exista a tal da imparcialidade. É comum pensarmos que não falar sobre algo ou se isentar de tomar alguma atitude é ser imparcial ou neutro. Contudo, entendemos que não falar sobre algo ou não tomar nenhum partido também significa uma tomada de posição, já sendo uma forma de se posicionar. Assim, uma vez que estamos escolhendo falar de um ponto de vista sobre algo, logo estamos nos posicionando frente aquele tema e/ou debate.

Vamos pensar assim: A elaboração de um material com determinada discussão ou o nosso discurso sobre uma temática é como contar uma história, é uma forma de narrarmos uma trajetória, um acontecimento. Quando contamos essa história, estamos falando de nosso ponto de vista, daquilo que vimos, achamos, sentimos, não gostamos, gostamos, acreditamos, buscamos, etc. Por isso, é importante falarmos sobre qual ponto de vista estamos contando essa história, pois assim fica mais honesto e as pessoas que estão ouvindo/lendo a nossa narrativa conseguem saber que estamos falando de um lugar específico e qual lugar é esse. Pensando nisso, e reforçando o nosso posicionamento ético e honesto, o que estamos fazendo neste tópico é justamente tornar evidente qual nosso ponto de vista e o porquê falamos de tal forma.

Assim, gostaríamos de deixar explícito que entendemos ser necessário discutir algumas questões que, normalmente são esquecidas no nosso dia a dia e estão naturalizadas socialmente, para a construção de uma sociedade mais igualitária. Para nós é importante falar e se posicionar sobre as questões de gênero, por entender que a violência de gênero é uma epidemia³ no Brasil. Portanto, utilizar a linguagem a/o, falar sempre que possível da violência contra a mulher, como também debater sobre a violência que acomete as pessoas LGBTI, as pessoas negras, faz parte da nossa ideia de falar sobre assuntos que usualmente são esquecidos, não só nos espaços escolares, mas na sociedade de forma geral.

E, por isso, **escolhemos** nos posicionar a partir de uma perspectiva que busca combater as violências, tentando informar a partir do nosso posicionamento, em quais momentos e de que forma certos discursos e atitudes podem ser ofensivos, violentos e causar sofrimento em algumas pessoas.

³ Fonte: <https://hacoesunidas.org/onu-mulheres-convoca-america-latina-a-acabar-com-feminicidios/>

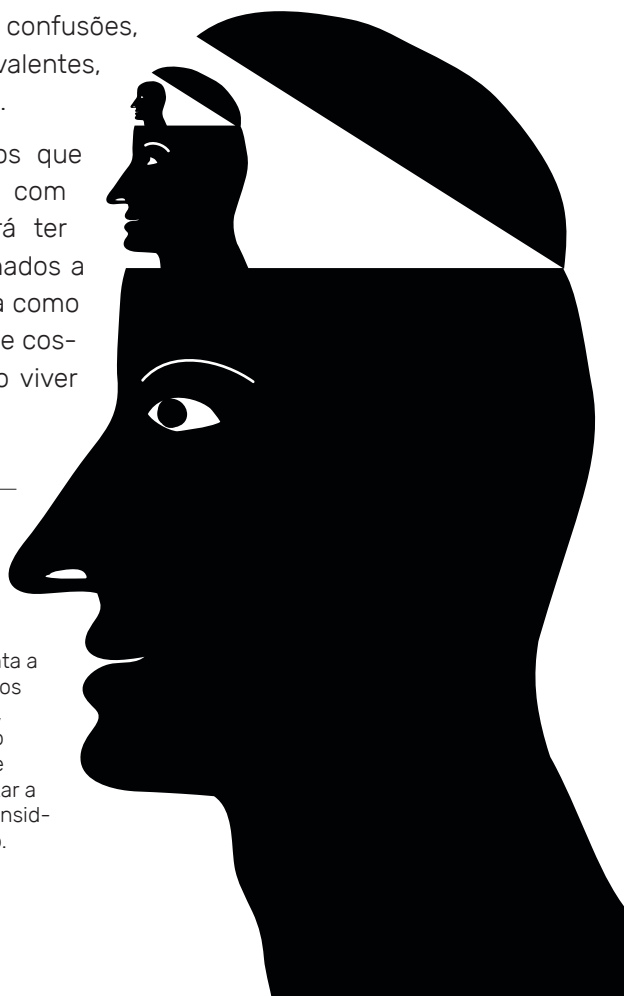
O QUE ESPERAM DE NÓS?

O que vem na sua cabeça quando você pensa em gênero? Quando você imagina um homem e uma mulher, a que corpos você associa? Ser homem e ser mulher está ligado necessariamente a comportamentos masculinos ou femininos? O que são comportamentos masculinos e femininos? Ser homem e ser mulher está associado a biologia? Ou seja, o que vai determinar nosso comportamento é algo referente ao biológico?

É comum escutarmos algumas afirmações sobre os comportamentos destinados a cada gênero, como “menina gosta de rosa” e “menino gosta de brincar de carrinho”. Podemos considerar que muitas dessas afirmações estão relacionadas com expectativas em relação aos gêneros e que esta expectativa está ancorada no corpo biológico das pessoas. Ou seja, é comum fazer uma ligação imediata, por exemplo, entre a feminilidade e a vagina (ou a vulva)⁴ e masculinidade e pênis. Este tipo de concepção gera algumas confusões, pois toma Gênero e Sexo Biológico como equivalentes, sinônimos e possuindo as mesmas definições.

Podemos então pensar: Porque acreditamos que uma pessoa que nasce com vagina, isto é, com uma biologia entendida como feminina, irá ter comportamentos que são usualmente destinados a mulheres? Por que será que a genitália é vista como determinante para o comportamento, gostos e costumes, isto é, a forma como as pessoas vão viver suas vidas?

4 Nesta caixa de ferramentas utilizamos o termo ‘vagina’ para nos referirmos à genitália normalmente associada a uma construção biológica de feminino, por esse ser o termo mais amplamente utilizado. No entanto importa dizer que a vagina é na verdade o conduto interno que vai do útero até ao orifício externo do canal genital, que na verdade se chama vulva. A vulva representa a parte externa dos órgãos genitais normalmente associados ao feminino. Do ponto de vista de uma análise de gênero, a própria falta de utilização do termo correto para o órgão externo – a Vulva – pode ser exemplo do controle social e cultural sobre os corpos e a sua necessidade de inviabilizar a sexualidade ‘feminina’, e o seu direito ao prazer, já que considerava apenas o canal que levaria à finalidade da reprodução.



GAROTAS GOSTAREM DE ROSA
NÃO É O PROBLEMA



VOCÊ QUER O
LARANJA, O ROSA
OU O AZUL?

ESSE É O PROBLEMA



VOCÊ QUER O ROSA
CLARO, O PINK OU O
SALMÃO?

Culturalmente aprendemos que tudo o que é atribuído como sendo correspondente ao sexo biológico é atrelado ao conceito de gênero. Deste modo, para erradicar estas confusões é importante definirmos o conceito de gênero.

Gênero é uma construção social⁵. Isso quer dizer que nós aprendemos ao longo da vida certos comportamentos que dizem respeito a uma expectativa sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. Estas expectativas podem se modificar conforme a sociedade e época em que vivemos, contrariando as concepções que tomam o gênero como um reflexo do corpo biológico.

Por exemplo, até o dia 3 de maio de 1933, as mulheres não podiam votar, o que acarretava a exclusão delas dos espaços de decisão política e de construção de cidadania. Nesta data houve uma votação na Assembleia Nacional Constituinte⁶ e foi aprovada a decisão de que mulheres poderiam exercer um direito básico em um regime democrático: expressar nas eleições a sua opinião e o seu desejo político através do voto. Pode parecer estranho, mas isso realmente aconteceu. Como também, o uso de calça jeans por mulheres já foi proibido e, ainda hoje, algumas religiões acreditam que calça é uma peça de roupa destinada somente para os homens. Há alguns anos atrás, as mulheres só podiam usar saias ou vestidos. Era liberado somente para as mulheres que trabalhavam no campo, em lavouras ou serviços pesados, o uso de calças. Isso também pode parecer muito estranho, afinal, em nossa sociedade contemporânea, como pensar em mulheres sendo proibidas de usar calças? Pois é. Esses exemplos nos ajudam a refletir sobre a construção social do gênero e seu caráter mutável e instável, isto é, conforme a cultura vai se transformando, os parâmetros que definem os gêneros também passam por alterações, o que serve para demonstrar que a biologia não define aquilo que homens e mulheres vão ser, gostar, viver, expressar.

A antropóloga Gayle Rubin (2012) comenta que “como em outros aspectos do comportamento humano, as formas institucionais concretas da sexualidade em um determinado tempo e lugar são produto da atividade humana. São imbuídas de conflitos de interesse e manobras políticas, ambas deliberadas e incidentais. Nesse sentido, o sexo é sempre político. Mas há períodos históricos em que a sexualidade é mais nitidamente contestada e mais excessivamente politizada” (RUBIN, 2012, p.1). A autora analisa que as proibições, contestações e até mesmo as permissões em relação a algumas convenções sociais ligadas a gênero e sexualidade tem muito mais a ver com questões políticas, ou seja, há um interesse em manobrar aquilo que pode e o que não pode ser feito, criando e delimitando regras e normas para categorias sexuais e de gênero.

Dessa forma, é possível dizer que as questões referentes à Gênero têm uma complexidade maior do que apenas nomear o que é ser “homem” e “mulher”. O Gênero também é uma das formas de exercer relações de poder, pois a partir dessas rela-

5 Construção social: É a formação de normas, significados, valores, símbolos sociais e regras empreendidas pela sociedade, com base em práticas tanto individuais, quanto sociais de cada pessoa. Esse movimento é contínuo, uma vez que a sociedade redefine e renegocia essas questões constantemente.

6 Esta informação se refere ao contexto brasileiro.

ções é possível fazer concessões e violações, justificando que se está seguindo a “ordem natural das coisas” (SCOTT, 1995). Afinal, quem nunca ouviu “toda mulher” ou “todo homem” deve/quer/faz/age de determinada forma? Quando se afirma que um comportamento acontece apenas por conta do gênero de uma pessoa, estamos de certa forma ajudando a reforçar os estereótipos de gênero e as desigualdades⁷ entre homens e mulheres: “Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e justificar – a desigualdade social” (LOURO, 2003, p. 20-21).

Nós não temos noção de como foram determinados comportamentos, gostos, modos de se expressar e tarefas para cada gênero. Mas se pararmos para refletir, vamos perceber que toda nossa vida foi construída com base nesses pressupostos. Isto é, todas as pessoas foram ensinadas a agir de acordo com as crenças da sociedade depositadas em seu gênero.

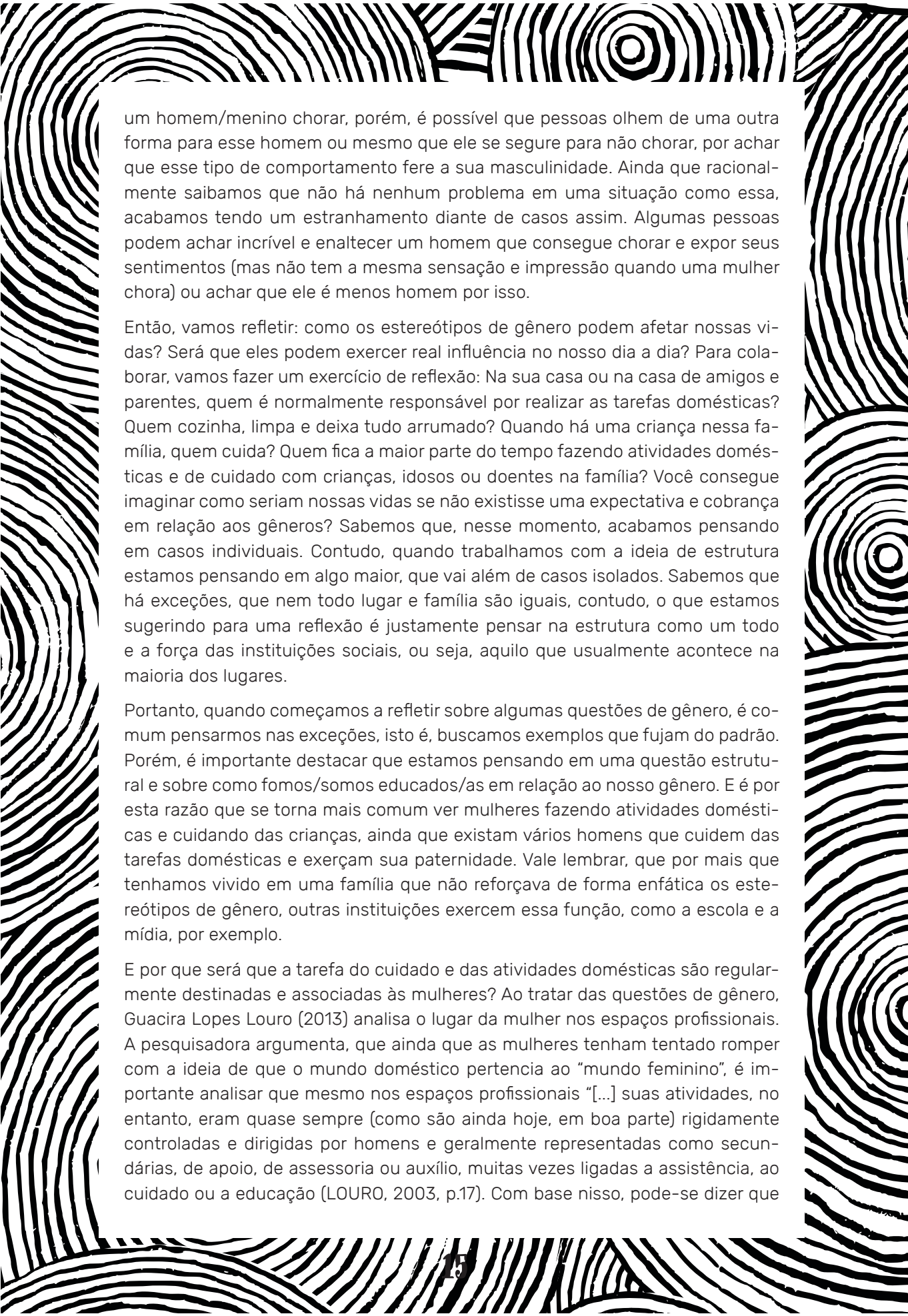
Portanto, acreditar que meninas/mulheres devem ser sensíveis, delicadas, doces, amáveis, cuidadosas e passivas são noções construídas socialmente. Bem como, acreditar que meninos/homens não choram, não podem ser sensíveis e/ou demonstrar afeto, tendo que ser viris, fortes e afirmar a todo o momento uma masculinidade sem erros, também faz parte de papéis construídos socialmente. Estes tipos de papéis que são delegados a homens e mulheres chamam-se **estereótipos⁸ de gênero**, que delimitam funções diferenciadas acerca daquilo que é entendido como “ser mulher” e “ser homem”.

Dito de outra maneira, estereótipos de gênero são certas expectativas que criamos em relação a homens e mulheres, designando alguns comportamentos, sentimentos e funções aos gêneros. Como exemplo, podemos pensar em algumas profissões que ainda são entendidas como sendo mais apropriadas para um gênero específico. Qual a sua reação ou o que você pensa quando vê uma mulher dirigindo um ônibus ou um caminhão? E se um homem disser que trabalha em casa realizando as tarefas domésticas e cuidados com filhas/os?

Por mais que saibamos que não há problema algum em homens e mulheres exercer certas funções, parece que nos causa sempre um “estranhamento” ver as pessoas fora dos estereótipos de gênero. Ou melhor, aquilo que ouvimos a vida inteira, podendo ser de formas diferentes, com discursos diferentes: “isso é coisa de menina/mulher” e “isso é coisa de menino/homem” nos pode surpreender quando a realidade não está funcionando dentro dessa norma socialmente construída. Muitas vezes pode ser que não ouçamos um “você não pode fazer isso porque é menina/menino”, mas é possível que isso seja dito com apenas um olhar ou mesmo através de normas sociais. Por exemplo, não há nenhum problema em

7 Desigualdade: Diz respeito a uma circunstância que privilegia algo ou alguém em relação ao outro. As circunstâncias que privilegiam alguns são construídas socialmente, sendo muitas vezes associadas à ideia de injustiça.

8 Estereótipo: Generalização abusiva que distorce a realidade.



um homem/menino chorar, porém, é possível que pessoas olhem de uma outra forma para esse homem ou mesmo que ele se segure para não chorar, por achar que esse tipo de comportamento fere a sua masculinidade. Ainda que racionalmente saibamos que não há nenhum problema em uma situação como essa, acabamos tendo um estranhamento diante de casos assim. Algumas pessoas podem achar incrível e enaltecer um homem que consegue chorar e expor seus sentimentos (mas não tem a mesma sensação e impressão quando uma mulher chora) ou achar que ele é menos homem por isso.

Então, vamos refletir: como os estereótipos de gênero podem afetar nossas vidas? Será que eles podem exercer real influência no nosso dia a dia? Para colaborar, vamos fazer um exercício de reflexão: Na sua casa ou na casa de amigos e parentes, quem é normalmente responsável por realizar as tarefas domésticas? Quem cozinha, limpa e deixa tudo arrumado? Quando há uma criança nessa família, quem cuida? Quem fica a maior parte do tempo fazendo atividades domésticas e de cuidado com crianças, idosos ou doentes na família? Você consegue imaginar como seriam nossas vidas se não existisse uma expectativa e cobrança em relação aos gêneros? Sabemos que, nesse momento, acabamos pensando em casos individuais. Contudo, quando trabalhamos com a ideia de estrutura estamos pensando em algo maior, que vai além de casos isolados. Sabemos que há exceções, que nem todo lugar e família são iguais, contudo, o que estamos sugerindo para uma reflexão é justamente pensar na estrutura como um todo e a força das instituições sociais, ou seja, aquilo que usualmente acontece na maioria dos lugares.

Portanto, quando começamos a refletir sobre algumas questões de gênero, é comum pensarmos nas exceções, isto é, buscamos exemplos que fujam do padrão. Porém, é importante destacar que estamos pensando em uma questão estrutural e sobre como fomos/somos educados/as em relação ao nosso gênero. E é por esta razão que se torna mais comum ver mulheres fazendo atividades domésticas e cuidando das crianças, ainda que existam vários homens que cuidem das tarefas domésticas e exerçam sua paternidade. Vale lembrar, que por mais que tenhamos vivido em uma família que não reforçava de forma enfática os estereótipos de gênero, outras instituições exercem essa função, como a escola e a mídia, por exemplo.

E por que será que a tarefa do cuidado e das atividades domésticas são regularmente destinadas e associadas às mulheres? Ao tratar das questões de gênero, Guacira Lopes Louro (2013) analisa o lugar da mulher nos espaços profissionais. A pesquisadora argumenta, que ainda que as mulheres tenham tentado romper com a ideia de que o mundo doméstico pertencia ao “mundo feminino”, é importante analisar que mesmo nos espaços profissionais “[...] suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, de apoio, de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas a assistência, ao cuidado ou a educação (LOURO, 2003, p.17). Com base nisso, pode-se dizer que

os estereótipos de gênero podem afetar homens e mulheres de forma negativa, o que acaba por impedir que as pessoas vivam uma vida sem rótulos e sem limitações, podendo se expressar e experimentar livremente.

Assim, como é destinado o espaço doméstico às mulheres, é habitual que se diga aos homens que eles não têm capacidade de realizar tarefas domésticas e de cuidado com terceiros, pois isso não seria “coisa de homem” ou porque eles não sabem fazer tão bem quanto as mulheres. Porém, se pensarmos na construção social de gênero, se torna óbvio o motivo pelo qual geralmente as mulheres sabem limpar melhor, cozinhar melhor, cuidar dos filhos/filhas melhor e recebem o adjetivo de “prendadas”. Elas foram criadas para isso! Meninas/Mulheres vêm sendo ensinadas desde a sua infância através das brincadeiras, brinquedos e, durante uma boa parte das suas vidas, são incentivadas e cobradas a exercerem este tipo de tarefa. Já ouviram falar na expressão: “A prática leva à perfeição”? Então, é exatamente por isso que temos a impressão de que as mulheres sabem realizar determinadas funções com mais eficiência, enquanto os homens “não têm tanto jeito” ou “não nasceram para fazer isso”.

E, se aprofundarmos ainda mais os nossos questionamentos, veremos que funções consideradas domésticas são exercidas por homens, sim. E os chefes de cozinha de restaurantes? E os homens que trabalham com serviços gerais? E os garçons que servem às pessoas e limpam as mesas? E os homens que cuidam de seus filhos/filhas? Eles existem. Portanto, é importante cada vez mais desconstruir os estereótipos de gênero para que a frase “tarefas domésticas e exercer a paternidade são coisas de homem” se torne cada vez mais comum. Como também, mulheres que exercem atividades como dirigir ônibus, chefiar uma empresa, ser bombeira, marceneira, eletricista, trabalhadoras de obra, mulheres que ocupam algum cargo de poder sejam respeitadas, valorizadas e não questionadas sobre sua capacidade de realizar tal atividade.

Podemos pensar também, que durante muito tempo mulheres foram punidas por desejarem fazer algo que não fosse aquilo que se espera de uma mulher. Ou seja, se a mulher quisesse estudar e trabalhar, ou mesmo não permanecer mais no casamento ela seria considerada louca. Portanto, a ideia de loucura estava relacionada com a sexualidade feminina, punindo-se qualquer comportamento sexual que estivesse fora das categorias vigentes, chamando-as de perversões sexuais (ENGEL, 2006). Os diagnósticos realizados durante o século XX e XIX relacionados aos distúrbios psíquicos tinham como principal causa a menstruação, a falta de disciplina no casamento, a perversão sexual e o parto. Em muitos casos, a cura recomendada era direcionada a uma “reparação” da sexualidade feminina, como por exemplo o casamento e a “realização materna” (ENGEL, 2006). A patologização da sexualidade feminina também contribuiu para os estereótipos de gênero, fazendo com que tenhamos a ideia de que certos comportamentos são mais apropriados a um determinado gênero.

DIFERENÇA E DESIGUALDADE: SERÁ QUE É A MESMA COISA?

Diferença - Caráter que distingue um ser de outro ser seja no todo ou em algum aspecto particular. As diferenças podem ser visíveis através dos sentidos ou ser detectadas por questões simbólicas, não sendo desejável que sejam eliminadas. Vale lembrar que a diferença em nosso contexto social pode promover desigualdade.

Desigualdade - Diz respeito a uma circunstância que privilegia algo ou alguém em relação a uma outra pessoa. As circunstâncias que privilegiam alguns são construídas socialmente, sendo muitas vezes associada à ideia de injustiça.

Em discussões sobre as questões de gênero é bastante frequente que se diga que “homens e mulheres são diferentes”. Contudo, esta diferença não pode servir de base para preterir determinado gênero em relação a outro. Por isso, é importante explicitar que **diferença** não é a mesma coisa que **desigualdade**. Estes dois conceitos não podem ser confundidos ou tratados da mesma forma. Ser diferente não deve ser justificativa para que as pessoas tenham a liberdade limitada. Ou pelo menos não deveria.

É frequente que tenhamos diferenças com outras pessoas, seja por uma questão de gênero, orientação sexual, raça, entre outras características. No entanto, essas diferenças não podem servir de argumento para justificar a existência de relações desiguais ou injustas entre homens e mulheres. Ou seja, não é porque as pessoas são diferentes que elas não devem ter direitos iguais e serem respeitadas da mesma forma.



Muitas vezes, as justificativas sobre as desigualdades acontecem de forma naturalizada⁹, ou seja, como se fosse normal ou natural pensar de um jeito. Por exemplo, quando a imagem de pessoas negras aparece associada a possíveis suspeitos de crimes¹⁰. Ainda que existam diferenças entre pessoas negras e pessoas brancas ligadas ao fenótipo¹¹ isso não quer dizer que a desigualdade se funda nessa diferença, isto é, uma pessoa negra não deve ser associada a algo por conta do seu fenótipo. Afinal, as pessoas brancas não cometem também delitos, crimes e corrupção da mesma forma?

9 Naturalização: Refere-se ao modo como comportamentos, valores e concepções são transmitidas através de homens e mulheres, em um determinado momento histórico e, são justificados como sendo independentes a qualquer intervenção humana, isto é, fazem parte de uma natureza imposta a todos os seres humanos. O perigo da naturalização está na crença de que a sociedade e suas regras sociais não podem ser alteradas, modificadas e transformadas, uma vez que ela é tida como inquestionável.

10 Esta naturalização em específico é associada ao racismo. Racismo é um ato de discriminar as pessoas baseada na raça ou cor da pele e tem como finalidade a diminuição ou a anulação dos direitos humanos das pessoas discriminadas. É uma forma de exercício de poder opressivo. O racismo consiste na ideia de que algumas raças são inferiores a outras atribuindo desigualdades sociais, culturais, políticas, psicológicas à "raça" e, portanto, legitimando as diferenças sociais a partir de supostas diferenças biológicas. Historicamente o racismo tem servido para justificar uma série de genocídios (crimes contra a humanidade e diversas formas de dominação das pessoas).

11 Reunião das características particulares ao indivíduo que podem ser visíveis ou detectáveis. No caso deste exemplo, faz menção à coloração da pele e aos traços relacionados a determinada raça e/ou etnia.

DIFERENÇA ENTRE IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

É comum que as pessoas confundam Identidade de Gênero com Orientação Sexual. Também é muito comum as pessoas ligarem gênero e a sexualidade ao comportamento, como por exemplo “isso é coisa de menina” e “isso é coisa de menino”. Afinal, existe um comportamento que seja de menino e um comportamento que seja de menina? Se um menino tem “comportamentos de menina” muitas pessoas acreditam que ele é menos homem e “quer ser mulher” ou então que é homossexual. Vamos ajudar a resolver essas dúvidas.

Para a filósofa Judith Butler (2010) “a diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas” (2010, p. 153). Isto é, para a pesquisadora a ideia de “coisas de menina” e “coisas de menino” é construída por discursos que são praticados em várias instituições, como a mídia, as instituições escolares, o cotidiano familiar, entre outros. Ao ouvirmos que não devemos fazer certas coisas ou ser de determinada maneira porque não é algo destinado a um gênero, este tipo de discurso afeta a nossa vida, a construção da nossa subjetividade, ou seja, essas falas “despretensiosas” sobre a forma que devemos ser produzem práticas discursivas que colaboram para as normas sexuais e de gênero.

IDENTIDADE GÊNERO

É o gênero com o qual a pessoa se identifica. O gênero não está ligado à genitália, ou seja, não é porque uma pessoa tem um pênis que ela é necessariamente um homem. Nosso corpo é marcado antes mesmo do nascimento, gerando expectativas e suposições sobre esse corpo que será constituído como feminino ou masculino, conforme anunciado pelo médico. Quando a mãe e/ou pai ficam sabendo que é uma menina, o que acontece? É comum que pintem o quarto de rosa, comprem bonecas, etc. E na criação dos/as filhos/as há uma tendência do pai e/ou da mãe falarem para uma menina: “Não faça isso porque não é coisa de menina”, “Menina precisa ter modos, senta de perna fechada!”, “Vai ser menina? Ih, vai dar dor de cabeça aos pais!”. Se for menino, costuma-se dizer: “É menino? Vai ter muitas namoradinhas!”, “Menino não chora!”, “Menino não faz esse tipo de coisa!”. E não é somente a família que ocupa este lugar, uma vez que a sociedade também exerce esse papel de uma forma geral.

Será que alguém já parou para perguntar o que as pessoas são? Ou seja, nos baseamos em uma informação passada pelo médico, mas, uma pessoa em que o médico disse que é uma menina (porque tem uma genitália considerada feminina), realmente é uma menina? Por que fazer a ligação imediata entre a genitália com o que é ser homem e/ou ser mulher?

Para saber mais sobre o assunto: Guacira Lopes Louro, Berenice Bento, Maria Rita de Assis César, Fernando Pocahy, Jamil Cabral Sierira, Jaqueline Gomes de Jesus.

PESSOAS TRANS E CIS

A partir das questões que foram colocadas, vamos falar sobre Identidades Trans e Cis. Quando falamos sobre Pessoas Trans, estão englobas Travestis, Mulheres e Homens Transexuais e Transgêneros. A Identidade Cisgênero, ou simplesmente Cis, é quando uma pessoa se identifica com o gênero que foi atribuído no nascimento, isto é, se a/o médica/o anunciou que é uma menina e esta pessoa se identificar com este gênero, esta pessoa é uma Pessoa Cis. Pessoas trans subvertem esta ordem e assumem uma Identidade de Gênero diferente daquela que foi atribuída no nascimento. Ou seja, se o médico anunciou, por exemplo, que era um menino, a pessoa trans não irá se identificar com o gênero homem e sim com o gênero mulher.

VOCÊ ACABOU DE CONHECER FERNANDA



VOCÊ FARIA PERGUNTA SOBRE
OS GENITAIS DELA? **NÃO.**

ENTÃO POR QUE PERGUNTARIA
SE SOUBESSE QUE ELA É TRANS?



O QUE É
CISGÊNERO??

UMA EXPLICAÇÃO SIMPLES É QUE SE VOCÊ SE IDENTIFICA COM O
GÊNERO QUE LHE FOI DESIGNADO EM SEU NASCIMENTO, VOCÊ É CIS.

CIS VEM DO LATIM
E SIGNIFICA “DESTE
LADO”. POR EXEMPLO:
CIS-ATLÂNTICO = DESTE
LADO DO ATLÂNTICO.
CIS TAMBÉM É USADO
EM QUÍMICA.

USANDO CISGÊNERO PARA
DESCREVER GÊNERO DE QUEM
NÃO É TRANS, QUEBRAMOS AS
ESTRUTURAS QUE POSTULAM
INDIVÍDUOS CIS COMO
“NORMAIS” QUANDO NÃO SÃO
MAIS NORMAIS QUE OS OUTROS.

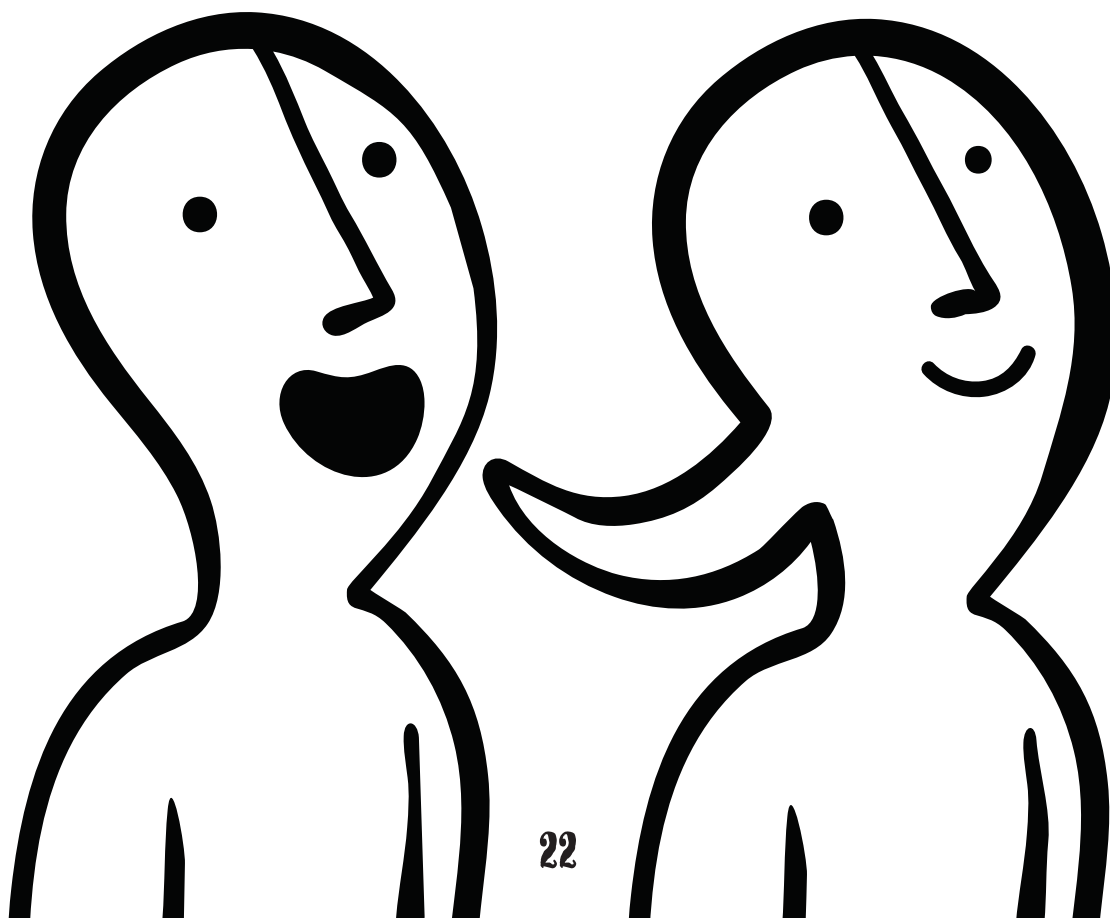
EXPRESSÃO DE GÊNERO

Pode ser considerada Expressão de Gênero a forma com que uma pessoa se manifesta socialmente, podendo ser através de roupas, acessórios, maneirismos, etc. É habitual que as pessoas confundam Identidade de Gênero e Orientação Sexual com Expressão de Gênero.

Em geral, as pessoas acreditam que uma pessoa de um determinado gênero se veste ou se comporta com algum atributo de outro de gênero, ela quer “se tornar” o gênero oposto. No entanto, é importante destacar que a expressão de gênero é a forma como você se manifesta socialmente. Por exemplo, até pouco tempo não era comum mulheres usarem calça, pois era considerada uma roupa exclusivamente masculina. Contudo, o fato de uma mulher colocar calça jeans não significa que ela “quer se tornar” homem, não é verdade?

O mesmo ocorre se pensarmos em um homem que tem comportamentos considerados femininos. Será que este homem tem necessariamente comportamentos femininos ou somos nós que pensamos que certos comportamentos são femininos?

Quando acreditamos que uma pessoa pertence a uma Orientação Sexual “A” ou a uma Identidade de Gênero “B” por conta da sua Expressão de Gênero, podemos considerar que isso está ligado aos estereótipos de gênero, ou seja, das expectativas que criamos para determinado gênero e orientação sexual. Diante disso, é importante sempre refletirmos sobre estes estereótipos, pois mesmo sem querer, podemos reproduzi-los e sermos preconceituosos/as.



ORIENTAÇÃO SEXUAL¹²

Orientação Sexual é a atração sexual e/ou afetiva que uma pessoa sente/manifesta em relação à outra pessoa e tem a ver com o direcionamento de seu desejo. Ter uma Orientação Sexual não quer dizer que você terá uma determinada Expressão de Gênero. Se um homem é gay ele não terá necessariamente uma Expressão de Gênero considerada feminina, assim como se uma mulher é lésbica ela não terá necessariamente uma Expressão de Gênero considerada masculina. As Expressões de Gênero são escolhidas conforme o desejo de cada pessoa, sendo assim, é importante reforçar que a Orientação Sexual não influencia nessa expressão.

*É importante deixar explícito também que **Identidade de Gênero é diferente de Orientação Sexual**. Identidade de Gênero é como você identifica seu gênero, seja como Cis ou Trans. Orientação sexual é a atração sexual e/ou afetiva, diz respeito ao direcionamento do desejo, ou seja, se refere a pessoas heterossexuais, homossexuais e bissexuais.*



¹² Para saber mais sobre Diversidade Sexual ir para o Volume 3 - *Diversidade(s)*

TRANSFOBIA

A Transfobia no Brasil é um problema sério e é responsável por causar mortes e violências diárias às pessoas trans. Para exemplificar, o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo¹³. A expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos de idade. Assim, a sociedade vê pessoas trans como sub-humanas, negando muitas vezes empregos formais, educação, saúde, além da própria convivência com a família. Um passo simples e importante para respeitar pessoas trans é tratá-las pelo pronome correto. Mulheres trans, ou seja, mulheres travestis e transexuais devem ser tratadas no pronome feminino. Então, é **A** travesti e não **O** travesti. O mesmo serve para homens trans que devem ser tratados no pronome masculino.

Dica: Caso você tenha alguma dúvida de como se referir a uma Pessoa Trans, pergunte a ela por qual pronome ela deseja ser chamada e qual é o seu nome. Dessa maneira, você evita constrangimentos e não corre o risco de ser preconceituoso/a com alguém.

VOCÊ SABIA?

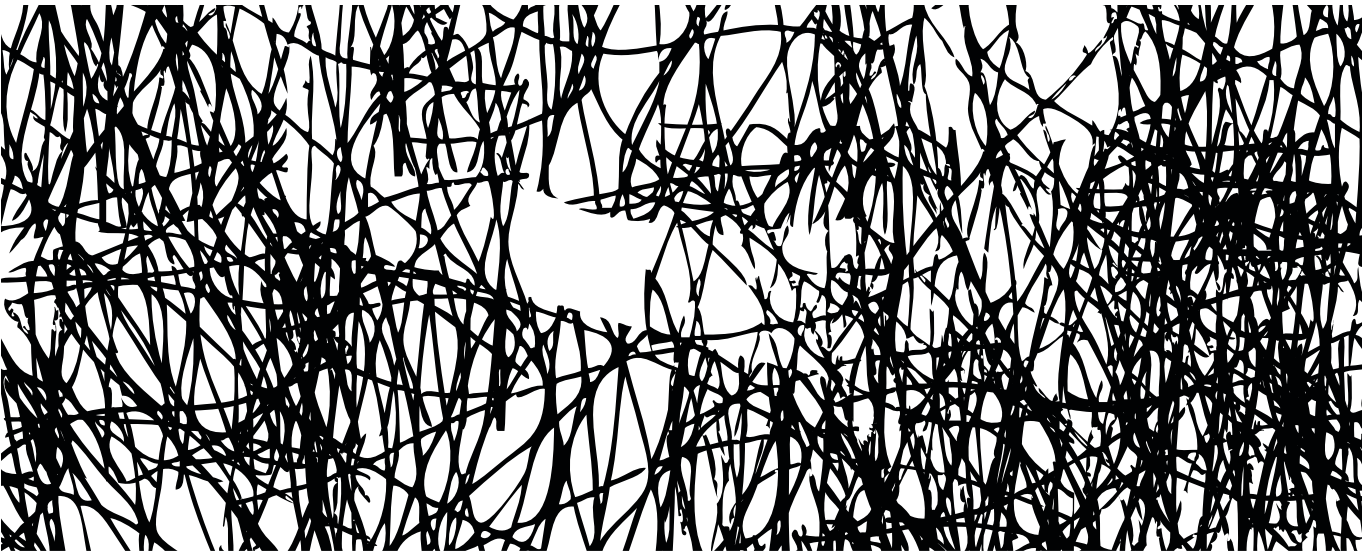
A presidenta Dilma Rousseff assinou um decreto que permite o uso do “nome social¹⁴” para Pessoas Trans nos órgãos federais, como empresas estatais, ministérios e universidades federais. O decreto foi assinado no dia 28 de abril de 2016.

E também existe uma resolução federal¹⁵ que garante a utilização do “nome social” em escolas.

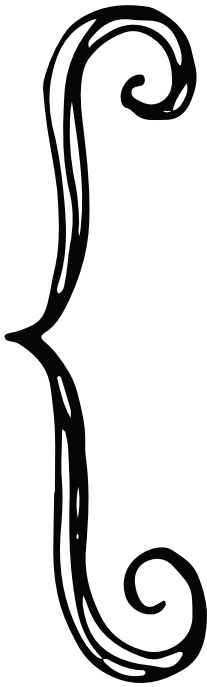
13 Documento “Transgender Europe: TDOR Nota de Prensa: 30 de octubre de 2014”, divulgado pela ONG Internacional Transgender Europe. Disponível em: <http://www.transrespect-transphobia.org/uploads/downloads/2014/TDOR2014/TVT-TDOR2014PR-span.pdf>

14 Nome social é o nome pelo qual pessoas trans e travestis desejam ser chamadas.

15 Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=12/03/2015&jornal=1&pagina=3&totalArquivos=120>

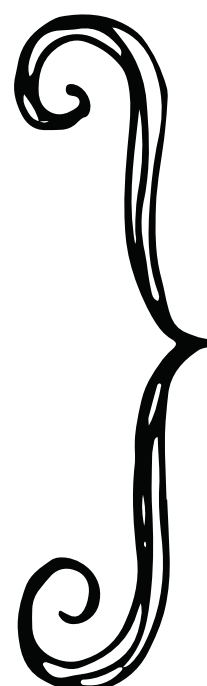


FEMINISMO X MACHISMO



Feminismo - De início, é bom deixar explícito que Feminismo e Machismo não são opostos. Feminismo é definido como um movimento que busca a equidade entre os gêneros, isto é, a luta pela promoção de uma sociedade mais justa entre homens e mulheres em relação aos seus direitos sociais. O movimento feminista reivindica uma reorganização social, tendo como meta o reconhecimento da autonomia e independência das mulheres e a garantia que elas sejam vistas como sujeitos sociais. Para isto, é necessário que exista uma ruptura com as desigualdades entre os gêneros que ficam a cargo de restringir o poder, as oportunidades, os direitos e os bens das mulheres.

Machismo - Machismo é um sistema de opressão e dominação das mulheres. Este sistema rejeita a equidade de direitos e deveres entre os gêneros, pois se fundamenta na concepção de que os homens são superiores às mulheres, colocando-as em posição de inferioridade. O machismo pode ser expresso através de opiniões, comentários, atitudes e comportamentos.



GÊNERO NA ESCOLA

A HISTÓRIA
DE MARCOS

Marcos é um menino bastante alegre e estudioso. Ele não gosta de sentar nas primeiras fileiras, preferindo o meio da sala. Às vezes ele faz um pouco de bagunça – nada fora do comum – mas logo torna a prestar atenção na aula. Uma vez, precisou ser separado de sua turma de colegas por causa da conversa durante as aulas, mas tudo foi resolvido e as atividades em sala acontecem de forma tranquila.

A disciplina preferida de Marcos é Literatura. Esta é a aula que ele mais presta atenção e é o mais participativo da turma. Marcos adora poesias e sempre quer saber as histórias dos/das poetas. Fica encantado com as diversas formas e significados que as palavras podem tomar em um texto e se diverte com os textos apresentados na aula.

A professora de Literatura, em um determinado dia, pediu que fosse realizado um trabalho valendo nota para prova. Ela deixou em aberto sobre os moldes que esta atividade teria, porém, o trabalho precisava conter poesias e explicar o contexto histórico de cada uma e também precisava ser apresentado para toda turma.

Marcos queria fazer uma coisa bastante criativa e se dedicou a escrever uma poesia de autoria própria. Ele estava um pouco inseguro, só que decidiu encarar este desafio e após escrita a poesia, se sentiu orgulhoso com o seu trabalho. Leu para sua mãe que ficou encantada, o que fez ele se sentir mais seguro e começou a ensaiar a apresentação de sua poesia.

Chegado o dia da apresentação, Marcos tremeu um pouco quando a professora chamou o seu nome e pediu para que ele apresentasse para turma aquilo que ele havia preparado. Marcos ficou um pouco inibido, mas se levantou, respirou fundo e foi para a frente da turma. Leu seu poema em voz alta e, como tinha ensaiado, sua apresentação ficou bem bonita. A professora perguntou ao Marcos de quem era autoria daquela poesia. Timidamente ele disse que o autor era ele.

Neste momento houve um burburinho no final da sala e pode-se ouvir um grupo de colegas rindo. Um deles tomou coragem e falou em voz alta: “Foi você que escreveu isso? Isso é coisa de menina, seu viadinho!!!”. Um grande grupo começou a rir mais ainda e Marcos ficou aflito com aquela situação.

E agora? Qual deve ser a posição da professora que ocupa o local de educadora daquela turma?

Baseado no que discutimos neste volume, qual seria sua reação? Por que Marcos ouviu um burburinho na sala de aula que insinuava que gostar de literatura era uma coisa de menina? Podemos mais uma vez nos questionar o que é coisa de menina e coisa de menino. Por que literatura é considerada uma coisa de menina? Seria a ideia de que para gostar de literatura precisa ser uma pessoa sensível? E a sensibilidade é uma característica apenas de meninas ou de homossexuais? Esses questionamentos podem ser feitos junto com a turma, fazendo assim com que todas/os possam refletir acerca dos estereótipos de gênero. Conforme os/as alunos/as forem respondendo, esse seria o momento de dialogar e desconstruir algumas suposições e expectativas que cercam os gêneros e a orientação sexual.



MITOS E VERDADES

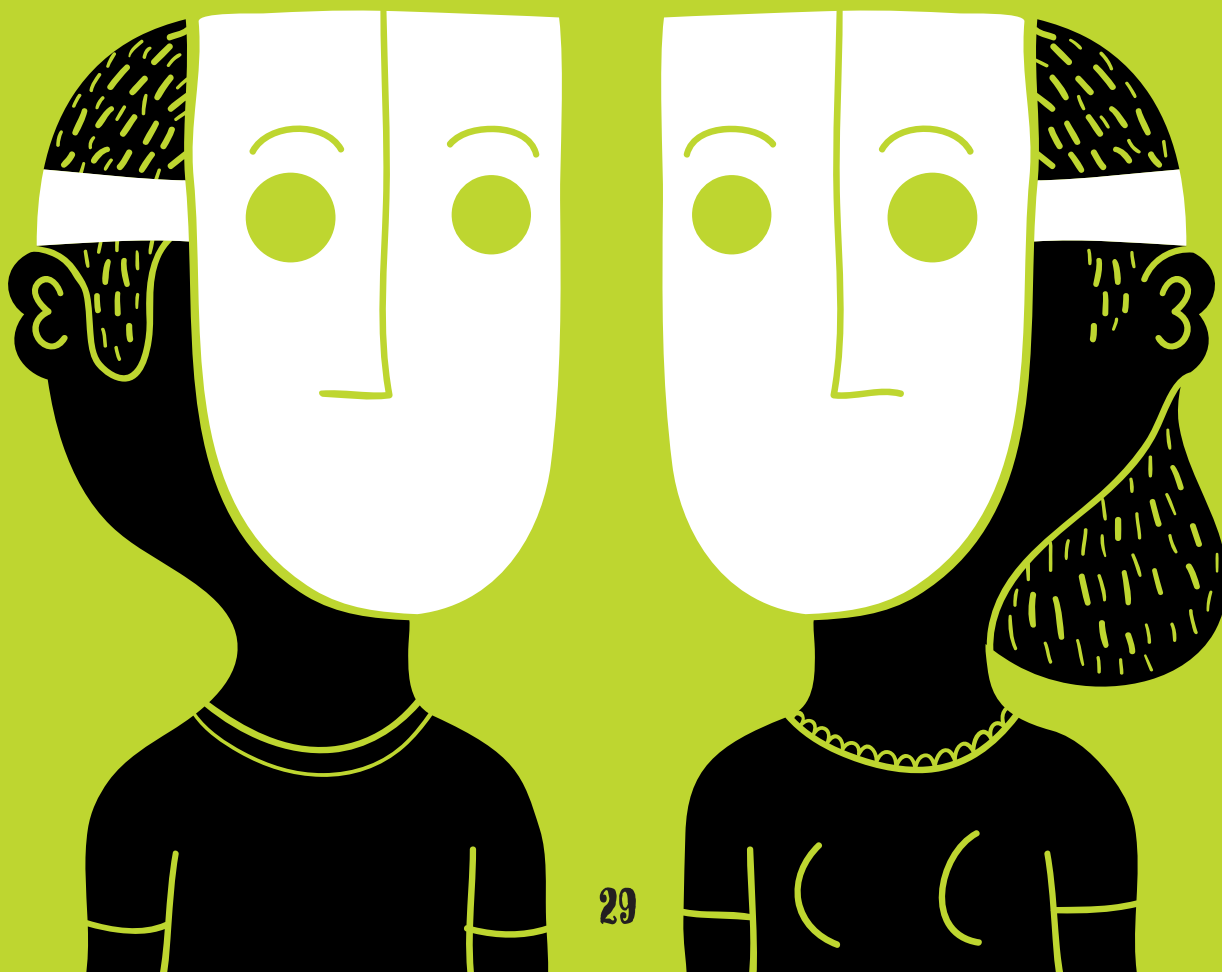
Participar de discussões e/ou grupos sobre gênero e sexualidade vai “influenciar” a pessoa a “mudar” o seu gênero e a sua orientação sexual - A orientação sexual e o gênero não podem ser influenciados e/ou transformados através de debates e grupos de discussão. Essas questões dizem respeito à subjetividade, desejo e construção identitária de cada pessoa em particular. Assim, a participação em discussões relacionadas a temáticas de gênero e sexualidade possibilitam que muitos preconceitos, normatividades e estereótipos relacionados a esses assuntos sejam identificados e possam ser conversados, refletidos e desconstruídos.

Se o menino brincar de boneca “ele vai virar viado” - Ninguém “vira” homossexual, pois isso não é uma simples escolha. A orientação sexual não é passível de influência, pois se fosse influenciável todos/as seriam heterossexuais, visto que vivemos em uma sociedade que tem a heterossexualidade como norma. Ou seja, se formos pensar na mídia especificamente, nas novelas, filmes, seriados ou até mesmo propagandas de alguns produtos, a grande maioria dos casais que aparecem são heterossexuais. Um casal de dois homens ou duas mulheres aparecem menos vezes do que casais heterossexuais. Portanto, se a sexualidade fosse algo influenciável, todas as pessoas seriam heterossexuais.

Quando a mulher está estressada é porque o marido/namorado “dormiu de calça” - Às vezes algumas pessoas dizem que quando uma mulher não está calma é porque o marido/namorado/companheiro não teve boa performance sexual. No entanto, uma mulher pode estar estressada por diversos motivos, como: trabalho, problemas familiares, contratempos cotidianos, como qualquer outra pessoa. Ou seja, o humor de uma mulher não está ligado ao ato sexual, como também uma mulher não é obrigada a ser doce, meiga e calma só pelo fato de ser mulher. Além do fato de que uma mulher pode não gostar e nem se interessar por homens, portanto, utilizar esse argumento para o stress de uma mulher reforça a naturalização da heterossexualidade e invisibiliza outras orientações sexuais.

“Todo homem...” / “Toda mulher...” - Como vimos na discussão deste material, não é possível definir e/ou generalizar comportamentos, gostos, práticas, costumes e maneiras de homens e mulheres. Cada ser humano, independentemente de seu gênero, é único e possui a sua singularidade. Existem homens que gostam de rosa, são sensíveis, gostam de cozinhar, assim como há mulheres que gostam de futebol, são insensíveis e fortes.

Homem tem que ser pegador / Mulher tem que ser recatada - Em nossa sociedade, homens são incentivados, desde cedo, a terem muitas “namoradinhas” e são cobrados para terem outros relacionamentos, caso estejam em um relacionamento fixo. Enquanto isso, as mulheres são ensinadas a serem submissas às escolhas dos homens, não sendo ativas na hora de escolherem seus pares. Atualmente, sabemos que esta realidade está se modificando aos poucos, porém, o que difere é a consequência para cada gênero. Se uma mulher for independente, “chegar em alguma pessoa” ou estabelecer vários relacionamentos ao mesmo tempo, ela logo é chamada de “piranha”, “dada” e é desvalorizada socialmente. Sua reputação é colocada em xeque e ela se torna mal vista, sendo preterida e não-confiável para estar em um relacionamento fixo. Já o homem, agindo dessa forma, é enaltecido e elogiado.





ANTES DAS ATIVIDADES

Cada vez mais as pessoas têm acesso a discussões de forma rápida e possuem a oportunidade de construir um conhecimento sobre diversos assuntos. As redes sociais e sites de pesquisa podem ter um papel informativo e pedagógico para que as pessoas que tenham interesse em assuntos em comum possam trocar ideias e reflexões. Isso faz com que muitas vezes alunas/os cheguem à sala de aula ou em espaços educativos com uma boa discussão sobre alguns temas, pois já pesquisaram por assuntos específicos e talvez até já tenham realizado ou participado de debates em seus espaços sociais, com amigas/os e/ou família.

Por isso, antes de iniciar as atividades, pode ser interessante se perguntar: como está a discussão na sala de aula? As pessoas já tiveram contato com os debates sobre os temas a serem abordados? Qual é o nível de entendimento que a turma possui sobre determinado assunto? É importante observar em qual momento a turma está na discussão, pois, a partir disso é possível escolher quais atividades trabalhar e pensar em uma abordagem que seja mais produtiva para aquele grupo específico. Uma das coisas que pode ser utilizada para saber como está a discussão é iniciar o debate perguntando ao grupo sobre *o que já ouviram falar sobre aquele assunto ou o que pensam em relação a ele*. Com essa pergunta, pode ser possível construir um caminho melhor e de acordo com a turma para trabalhar os temas em grupo.

Sobre o tema da violência é importante perceber se as pessoas conseguem observar quais são as várias formas de violências e se conseguem identificar de onde vêm, isto é, como elas são construídas socialmente e não como sendo parte do ser humano. Quando se fala em violência é comum pensar que ela se manifesta apenas em forma de agressão física e as outras formas são mais esquecidas ou secundarizadas. Uma dica para trabalhar estes temas que abordam o tema da(s) Violência(s) com um grupo que já esteja mais avançado na discussão é partir para o questionamento e a problematização sobre o gênero, a raça/etnia, a orientação sexual, a localização geográfica de uma pessoa que é vítima de violência, ou seja, começar a explorar quais são os corpos mais sujeitos a sofrerem preconceito, discriminação e violência(s).

É comum chegarmos ao final de um trabalho e pensarmos: será que fez diferença? Uma das coisas que pode ser utilizada para saber como está a discussão são os roteiros de perguntas a serem feitas individualmente por cada participante antes do início da conversa. Para isso, ao fim desse volume, você poderá acessar uma sugestão de questionário que pode ser aplicado junto aos estudantes. É importante lembrar que a sugestão do roteiro de perguntas não é uma avaliação de conhecimento do/a estudante sobre o tema, mas uma forma de você, educador/a, perceber quais são as opiniões das pessoas participantes acerca do tema proposto. Vale ressaltar, que para garantir respostas mais fidedignas, é importante não nomear ou identificar os questionários. Essa informação pode ser passada para o grupo logo no início do encontro, com a finalidade de tranquilizá-los no que diz respeito à confidencialidade e privacidade de suas respostas.





RELIGIÃO E VIOLÊNCIA

Popularmente se diz que religião é um assunto que não se discute, colocando essa temática no lugar da polêmica e do conflito. Contudo, religião, assim como a política pode (e deve!) ser discutida, afinal, é através dos bons debates que conseguimos pensar em outras formas de ver e construir o mundo. A religião faz parte da nossa vida, por mais que optemos por não seguir ou ter alguma prática religiosa. A nossa sociedade é regida e foi construída através de alguns princípios religiosos e isso influencia a vida de todas as pessoas. Assim, por mais que algumas pessoas não participem de alguma convenção religiosa, acreditamos ser de extrema importância falar sobre essas questões, mesmo que esse seja um tema complexo e bastante diverso. E por que estamos defendendo esse debate?

Muitas pessoas costumam ter uma imagem de que ser uma pessoa religiosa é seguir uma série de preceitos morais que não podem em nenhum momento ser questionados, como se fosse uma única verdade absoluta. Ou, ainda, entendendo que a sua religião é superior à religião de outra pessoa que não segue os seus mesmos dogmas. Contudo, há muitos movimentos e pessoas que se colocam disponíveis para enfrentar qualquer tipo de preconceito que possam vir de instituições religiosas, inclusive no interior dessas próprias instituições. Afinal, muito já transformado em várias religiões, de acordo com as mudanças culturais e sociais de cada época e contexto. Podemos pensar que, por exemplo, a Igreja Católica não aceitava pessoas negras como membros de suas instituições. Com o passar do tempo e depois de muita luta, de muito questionamento tanto por parte das pessoas negras, como das pessoas católicas, esse regimento foi modificado e a Igreja pôde perceber o erro que estava cometendo, e que, na verdade, estava reforçando o racismo em suas normas. Vocês já pararam para pensar o que aconteceria se as pessoas apenas aceitassem esse tipo de norma e não lutassem pelo fim do racismo dentro das instituições religiosas?

Nessa mesma perspectiva, existem movimentos feministas e LGBTI dentro de várias instituições religiosas. Esses movimentos lutam pelo direito das mulheres e das pessoas LGBTI e debatem a importância de falar sobre a vivência dessas pessoas numa perspectiva que não seja machista, homofóbica, lesbofóbica, bifóbica e transfóbica. Ou seja, debate-se a importância de construir uma religião que tenha seus rituais espirituais e suas crenças filosóficas, mas que isso não interfira de forma violenta na vida e nos corpos das pessoas. Esse tipo de crítica, vinda de pessoas que exercem os preceitos religiosos em suas vidas é muito interessante, uma vez que permite a construção de uma religião mais comprometida com a ética e com o respeito, uma religião comprometida com o fim dos preconceitos e da violência.

Na religião católica, temos o exemplo das Católicas Pelo Direito de Decidir, um movimento que se “propõem articular as ideias do feminismo com o cristianismo, buscando argumentação teológica consistente e oferecendo a possibilidade de encarar a sexualidade como algo positivo, que pode nos fazer felizes, sem nos sentirmos culpadas”¹⁶. Outro grupo que se mobiliza através das redes sociais e busca questionar condutas religiosas, observando as questões e as transformações sociais é a Frente Evangélica Pela Legalização do Aborto¹⁷. Com isso, pode-se observar grupos no interior de instituições religiosas que fazem o esforço de questionar as normas sociais que produzem violências, a fim de construir uma sociedade e uma religião mais justas e igualitárias.

Outro ponto que devemos discutir em relação às religiões é a questão da intolerância religiosa. Faz-se necessário entender o motivo pelo qual algumas religiões são mais aceitas do que as outras, como algumas religiões são entendidas como oficiais e superiores a outras. Afinal, por que algumas religiões são motivos de “piadas” entre alguns grupos e os membros dessas religiões passam por uma série de violências? Por exemplo, você já ouviu a expressão “chuta que é macumba” ou “isso é coisa de macumbeiro”? Utilizamos esse tipo de frase para nos referirmos à religiões de matriz africana, dando a entender que pessoas dessa religião não merecem respeito, que essa religião é menos legítima que outras, além de desqualificar suas práticas religiosas, suas lutas diárias e as conquistas em sua vida, alegando que as pessoas se utilizaram de “magias ocultas” para conseguirem tudo aquilo que desejaram.

É importante destacar o quanto o preconceito contra as religiões de matriz africana está ligado a uma estrutura social racista, uma vez que essas religiões foram trazidas para o Brasil por pessoas negras. Podemos ver exemplos de intolerância religiosa com práticas racistas quando vemos a destruição de terreiros com o intuito de impedir que as pessoas pratiquem suas crenças; a violência estrutural, quando nem passa pela nossa cabeça que determinada pessoa pode proferir a fé de religiões de matriz africana; o preconceito que as crianças e adolescentes candomblecistas e umbandistas sofrem nas escolas quando precisam realizar algum

16 Disponível em: <http://catolicas.org.br/institucional-2/historico/>

17 Disponível em: https://www.facebook.com/frenteevangelicapelalegalizacaodoaborto/?ref=br_rs

preceito religioso e frequentar as aulas com as vestes específicas da sua religião. Afinal, podemos nos questionar: qual o problema de pessoas acreditarem e viverem algo diferente das religiões que são vistas como oficiais, são entendidas como hegemônicas? O que afeta na nossa vida se alguma pessoa profere uma fé diferente da nossa ou até mesmo não profere fé alguma?

A maioria das religiões prega o respeito e o amor pelo próximo/a, sendo assim, é importante também respeitarmos as pessoas e as crenças diferentes daquelas que seguimos!

Seguem abaixo links com temáticas sobre religião e a crítica aos preconceitos:

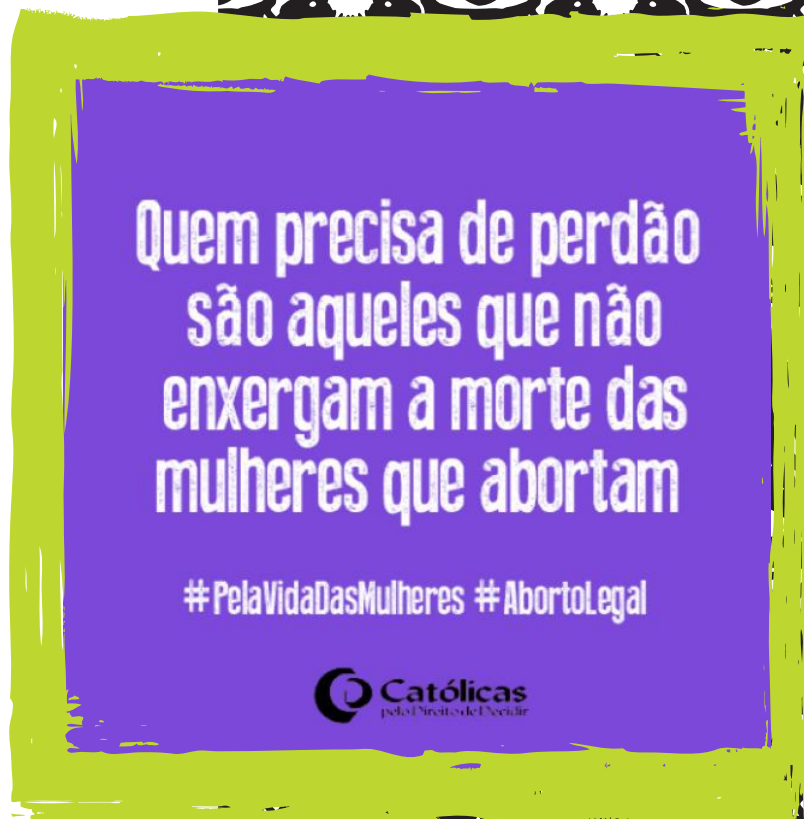
15 coisas que pessoas de religiões de matriz afro gostariam de te dizer

https://www.buzzfeed.com/ramosaline/coisas-que-pessoas-de-religoes-de-matriz-afro-gostariam?utm_term=.pryaV0G5xj#.mtepj2Wk0z

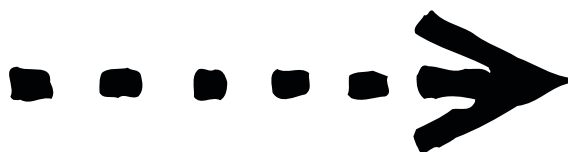
Os argumentos das católicas brasileiras que há 25 anos defendem o aborto

<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-42372359>





ATIVIDADES



ATIVIDADE 1

O QUE É ISSO CHAMADO “GÊNERO”?

Objetivo: Estimular a compreensão sobre o conceito de gênero e promover uma reflexão sobre como as normas sociais de gênero influenciam a vida e os relacionamentos de homens e mulheres.

Duração: 1h – 2h.

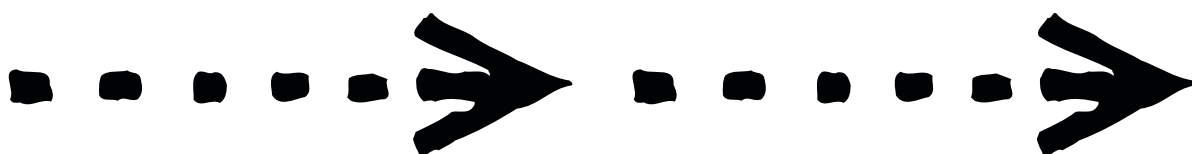
Materiais: Flipchart, marcadores, fitas adesivas.

Passo a passo:

1. Desenhe duas colunas em uma folha de flip-chart.
2. Na primeira coluna escreva “mulher”. Na segunda coluna escreva “homem”.
3. Peça às/aos participantes para falarem o nome de coisas associadas à ideia de “ser mulher”. Escreva as palavras na primeira coluna, conforme as/os participantes sugerirem. As respostas podem ter características positivas ou negativas. Auxilie as/os participantes a nomearem atributos tanto sociais como biológicos.
4. Repita a mesma atividade para a coluna “homem”.
5. Cite brevemente algumas das características listadas em cada coluna para reforçar o que as/os participantes disseram.
6. Troque os títulos de cada coluna, substituindo a palavra mulher pela palavra homem nas duas colunas. Pergunte às/aos participantes se as características listadas para as mulheres poderiam ser atribuídas aos homens e vice-versa.
7. Abra para a discussão a partir das perguntas para discussão.
8. Quando terminar, coloque mais uma folha com o título, homens e mulheres, e pergunte quais são as atribuições que servem para ambos os sexos, e o porquê.
 - Também é possível fazer uma discussão sobre as questões LGBTI a partir dessa atividade. Se você achar necessário abordar esse tema, é possível incluir “mulher lésbica” e “homem gay” após a discussão das ideias do que é ser homem e o que é ser mulher. Assim como também é possível discutir as questões das identidades de gênero, ao situar “mulher trans” e “homem trans”. A ideia é tentar debater como as questões de sexualidade e identidade de gênero são atravessadas e como há várias formas de ser mulher e ser homem para além da heterossexualidade e da cisgeneridade.

Perguntas para discussão:

- O que significa ser uma mulher?



- O que significa ser um homem?
- Vocês acham que homens e mulheres são criados da mesma forma? Por quê?
- Que características atribuídas ao homem ou a mulher são avaliadas como positivas ou negativas em nossa sociedade?
- Como seria para uma mulher assumir características atribuídas tradicionalmente ao homem? Seria fácil ou difícil?
- Como seria para um homem assumir características relacionadas tradicionalmente a uma mulher?
- Qual a influência que nossas famílias e amigos exercem sobre percepções do significado de ser homem ou mulher?
- Quais os efeitos que os meios de comunicação (televisão, revistas, rádio, etc.) têm sobre as nossas percepções do que significa ser homem ou ser mulher?
- Como é que a mídia mostra o que é ser mulher? E ser homem?
- Existe alguma relação entre gênero e poder? Explique.
- Como essas diferenças entre o significado de ser mulher ou homem afetam o nosso dia-a-dia? E as nossas relações com a família? E as nossas relações com parceiros íntimos?
- Como podemos, em nossas próprias vidas, mudar algumas expectativas negativas ou não-equitativas de como um homem deve agir?
- Como poderíamos mudar algumas expectativas negativas ou não-equitativas sobre como uma mulher deve agir?
- O que aprendemos durante esta atividade?
- Existe algo que poderia ser aplicado em nossas próprias vidas e relacionamentos?

Fechamento: Ao longo de suas vidas, mulheres e homens recebem mensagens da família, da mídia e da sociedade sobre como devem agir e como devem se relacionar com os outros. Embora estas diferenças existam, elas não têm nada a ver com a biologia. A gente aprende o jeito de ser homem ou mulher com a nossa família, nossas/os amigas/os e colegas, com os meios de comunicação. O chato nisso tudo é que, em nossa cultura e sociedade, esperam-se coisas diferentes para um gênero e para outro. Por exemplo, que os homens jovens sejam fortes e tomem iniciativas. Ao mesmo tempo, espera-se que a mulher seja meiga e que cuide da família. Só que as coisas estão mudando e as pessoas não têm que seguir regras rígidas. Afinal, dá para perceber que existem vários jeitos de ser homem e de ser mulher. E, o mais importante é que as pessoas se relacionem respeitando as diferenças.

ATIVIDADE 2

CORPOS DESEJÁVEIS: PORQUÊ?

Objetivos: Permitir com que as/os jovens reflitam sobre modelos de homens e mulheres que são valorizados na sociedade.

Duração: 2h

Materiais necessários: Folhas de papel A4, revistas e jornais, tesouras e colas.

Dicas para planejamento: Esta atividade requer um espaço amplo para que se possa movimentar as revistas e jornais entre as pessoas participantes. É necessário que seja um ambiente claro e confortável. Esta atividade pode ser feita individualmente ou em grupo. Pode-se separar para que um grupo faça o ideal de modelo feminino e o outro grupo, faça o ideal de modelo masculino. O interessante de não fazer em grupos é justamente proporcionar uma margem de liberdade maior para a escolha dos participantes.

Passo a passo:

1. A facilitadora deve disponibilizar as revistas e jornais na mesa antes da atividade de ser explicada para as participantes. A sala já precisa estar organizada para a recepção dos participantes.
2. Peça aos participantes para se sentarem em volta de onde as revistas e jornais estiverem disponíveis e buscarem uma posição confortável.
3. Explique que o objetivo da atividade consiste em identificar através de imagens em jornais e revistas, modelos de homens e mulheres que são vistos como os ideais e, nesse sentido, são os valorizados pela sociedade. A pergunta feita será: em sua opinião, qual o modelo de homem ou mulher que a sociedade valoriza?
4. Após essas imagens serem localizadas, peça para que os participantes recorrem e cole as imagens em uma folha de papel em branco.
5. Ao final das colagens, peça para os participantes apresentarem suas colagens e explicarem o motivo da escolha de suas imagens.

Perguntas para discussão:

- Porque você escolheu esta situação/imagem?
- O que você acha que esta imagem representa?
- Como está a aparência desta pessoa da imagem?
- O que a aparência desta pessoa te diz?
- Quais problemas você identifica nessa imagem? Quais as vantagens?
- É possível ser diferente desses modelos? Como é pra você ter que se esforçar para estar de acordo com um padrão?
- O que você acha desta imposição?
- É possível ser diferente?
- O que você acha que pode ser feito para que esse padrão seja dissolvido?
- Qual a importância da diversidade? (Corpos, jeitos, escolhas, desejos).

Fechamento: Feche a discussão exaltando a importância da diferença e pontuando que existem outras maneiras de experimentar a vida além de modelos valorizados socialmente.

ATIVIDADE 3

VIVÊNCIAS DO COTIDIANO

Objetivo: O intuito desta atividade é construir um ambiente em que seja possível falar sobre assuntos que são considerados tabus, mas que ao mesmo tempo sempre são conversados entre as/os alunas/os fora da sala de aula. Por exemplo, é possível que aconteça alguma situação na escola, como uma menina ser chamada de “vadia” por conta das roupas/acessórios que usa. Ou ainda, algum assunto da mídia esteja sendo comentado pelas/os alunas/os. A ideia é tentar discutir em sala de aula, para que esse debate proporcione um ambiente mais igualitário no que diz respeito às questões gênero e sexualidade. Por isso, essa atividade propõe construir uma cultura da situação. Isso significa que sempre que for possível discutir, a discussão seja levada para dentro do ambiente educativo, como uma situação de grande comoção, de grande dúvida ou preconceito. O objetivo consiste em debater situações polêmicas e questionar os estereótipos que geralmente são levantados nestes momentos.

Duração: 1h - 2h

Materiais: As/os educadoras/es podem trazer um caso da mídia impresso para distribuir para as/os alunas/alunos ou podem iniciar o debate falando do caso, sem material impresso. Também é possível imprimir uma frase ou palavra que inicie a discussão. A ideia dessa frase ou palavra é fazer com que o ambiente se torne um pouco mais seguro. Por exemplo, o/a educador/a pode dizer que “Este ambiente é livre de machismo, homofobia e racismo”. Essa frase pode variar conforme o tema.

Caminhos da atividade/ Passo a passo: A ideia dessa atividade é que o/a educador/a leve sempre uma situação disparadora para iniciar a discussão sobre o tema. Conversar brevemente e tornar evidente a abertura para conversas sobre temáticas polêmicas. A proposta é estar atento/a aos silenciamentos que perpassam situações cotidianas, estar alerta àqueles/as jovens que por algum motivo são quietos/as demais, falantes demais, agressivos/as demais, femininos “demais”, masculinos “demais” ou que possuem uma corporalidade não normativa. Percebendo os/as jovens que não se enquadram na norma, que não se encaixam na turma, é possível sempre formular uma palavra de conforto.

Depois de falar sobre o tema, é possível perguntar se eles sabem do assunto, o que acham e se já estiveram em uma situação parecida. Ou ainda, se algum/a amigo/a já esteve nessa situação e como foi a reação das pessoas ao redor.

A proposta dessa atividade a longo prazo é fazer com que o ambiente de sala de aula esteja aberto para que as/os alunas/os tragam situações da comunidade ou da mídia para serem discutidas, criando assim um ambiente livre para discussões sobre as questões de gênero e sexualidade. Para tanto, o/a educador/a pode deixar um horário disponível um dia da semana para que as/os alunas/os tragam assuntos para serem discutidos. As ideias para temas devem passar pelo/a educador/a antes de ser debatido em sala de aula.

ATIVIDADE 4

DE OLHO NA LINGUAGEM

Objetivo: Debater o sexismo na linguagem.

Materiais necessários: jornais, revistas e livros (incluindo didáticos).

Tempo recomendado: 1h

Passo a passo:

1. Dividir a turma em pequenos grupos.
2. Distribuir o material (revistas, jornais, livros) aos grupos.
3. Solicitar que observem e analisem a linguagem utilizada nos textos, destacando que, na Língua Portuguesa, quando atribuímos uma qualidade (adjetivo) a dois seres de sexos distintos, a concordância geralmente é feita no masculino plural (exemplo: “A menina e o menino são espertos”) e o coletivo em que se incluem pessoas dos dois sexos é sempre dado pelo masculino (exemplo: “Os jovens desta cidade...”).
4. Em seguida, ler para os grupos o conteúdo do quadro que se segue e pedir-lhes que localizem, exponham e comentem ocorrências semelhantes encontradas no material distribuído ou outras. Algumas expressões empregadas no masculino têm valor genérico, incluindo o outro gênero (o feminino): “O homem evoluiu muito nos últimos séculos”, em vez de “A humanidade evoluiu muito nos últimos séculos” ou “O homem e a mulher evoluíram...” e outras. Na referência ao coletivo em que se subentende a presença da figura feminina, também encontramos sempre o masculino. Alguns exemplos de sexismo e respectivas possibilidades de antissexismo neste caso: “Os médicos” / “O corpo médico”; “Os idosos” / “As pessoas idosas”; “Os jovens” / “A juventude”, “Os eleitores” / “O eleitorado”; “Os assessores” / “A assessoria”; “Os diretores” / “A direção” ou “A diretoria”; “Os meninos” / “As crianças”.
5. Após a exposição dos trechos encontrados e os comentários dos grupos, sugerir que escolham um texto para reescrevê-lo evitando o uso genérico das palavras no masculino.

Fechamento: Na escola, são frequentes as narrativas e exercícios em que vemos sempre escritos “o/s estudante/s”, “o/s professor/es”, “o/s irmão/s”, “o/s homem/ns”, “o/s trabalhador/es”, “os pais e/ou os responsáveis” etc. Textos oficiais e livros didáticos, dentre outros, em circulação na escola utilizam uma linguagem em que, na linha tradicional, o masculino tem uma abrangência universal. De acordo com o debate sobre o sexismo na linguagem, é na linguagem e pela linguagem que a discriminação é feita de forma inconsciente e, por isso, mais opressiva.

ATIVIDADE 5

O QUE PODEMOS FAZER?

Objetivo: Desconstruir categorias normativas de gênero através de atividades/comportamentos que são atribuídas socialmente a mulheres e/ou homens.

Materiais necessários: Papéis, canetas e um saco para realizar um sorteio.

Duração: 1h - 2h

Passo a passo:

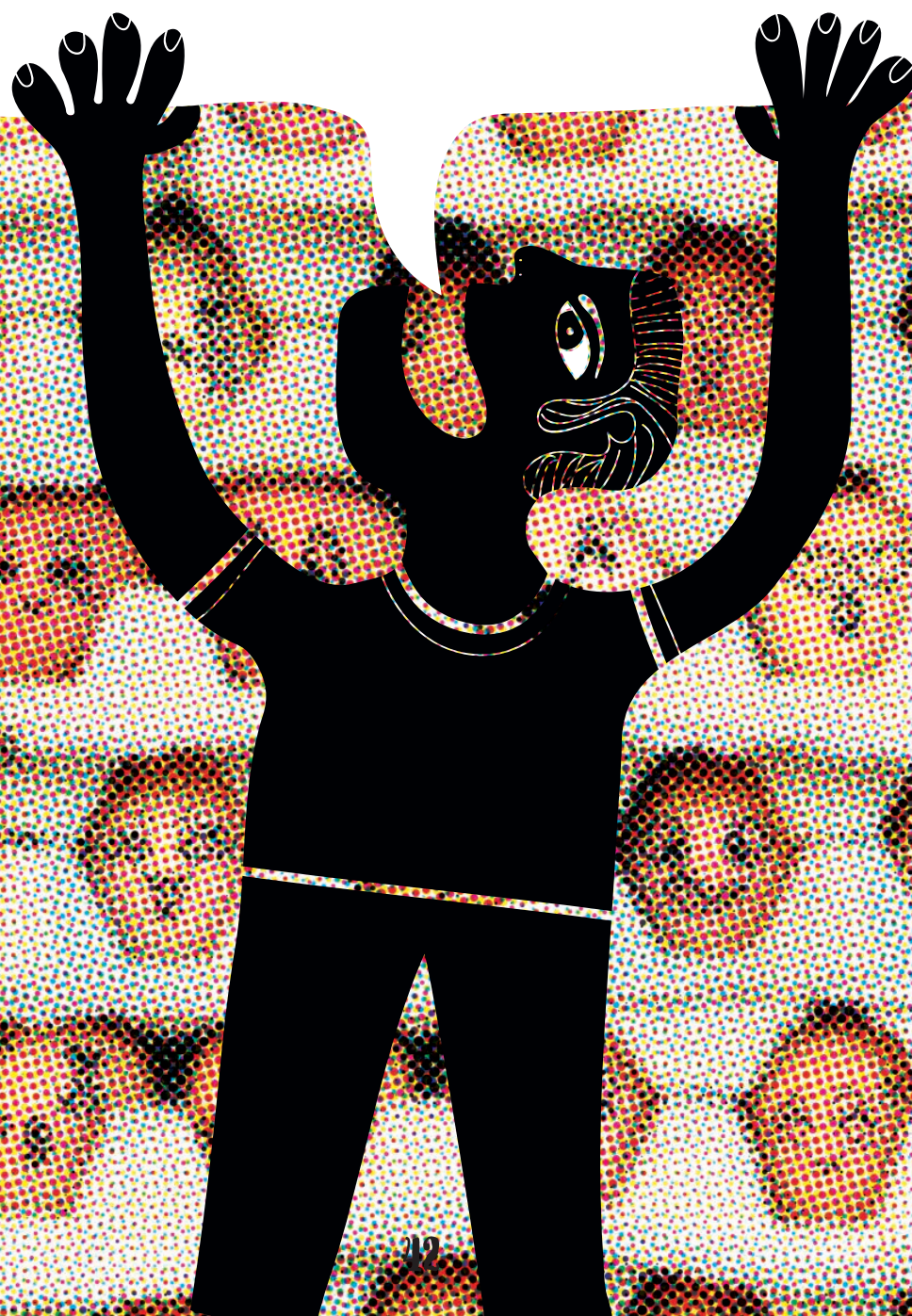
1. Distribua folhas de papel entre as pessoas que irão participar da atividade.
2. Peça para que cada pessoa fique com uma folha e escreva nesta folha uma atividade que gosta muito de fazer.
3. Peça para que as pessoas dobrem os papéis e coloquem dentro de um saco de pano ou plástico.
4. Misture os papéis dentro deste saco.
5. Peça para que cada pessoa do grupo pegue um papel e leia em voz alta a atividade que foi escrita.
6. Inicie uma discussão sobre essas atividades articulando com problematizações relacionadas ao gênero.

Perguntas para discussão:

- O que você acha da atividade que estava no papel que você recebeu?
- Você acha que esta atividade está relacionada a algum gênero específico?
- Quem comumente realiza esta atividade? Homens ou mulheres? Por quê?
- Você acha que ambos os gêneros podem exercer estas atividades? Por quê?
- O que a sociedade diz de homens e mulheres que fazem estas atividades?
- O que você acha desta concepção social? Você acha certo? Errado? Por quê?
- O que podemos fazer para que homens e mulheres possam realizar tais atividades sem passar por situações de preconceito?

Fechamento: Encerre a discussão, pontuando que não há atividade destinada para um gênero específico e que todas as pessoas têm o direito de realizarem as atividades que quiserem, como, por exemplo: mulheres jogarem futebol, homens limparem a casa, mulheres trabalharem fora, homens se emocionarem, mulheres praticarem luta, homens cuidarem das/os filhas/os.

COMO INSERIR ESTA
DISCUSSÃO EM SUA AULA:



Neste volume nós apresentamos dois exemplos de como trabalhar as questões de preconceito relacionado a gênero em sala de aula, sem precisar parar suas atividades e realizar uma oficina. Nos demais volumes você encontrará mais exemplos de como trabalhar outros temas, lembrando que são apenas propostas e você pode pensar e propor outras formas de promover estas discussões em sala de aula.

Na disciplina de matemática você pode formular os enunciados de maneira que trabalhe de forma indireta as questões de gênero. Como, por exemplo:

João foi ao mercado e comprou 10 tomates, 5 cebolas e 3 alfaces para fazer uma salada para sua esposa na hora do jantar. Porém, João só usou 2 tomates, 1 cebola e 1 alface. Quantos tomates, cebolas e alfaces sobraram para uma próxima refeição?

Na aula prática de Educação Física você pode separar as/os alunas/os de uma forma que não seja através do gênero. Os exemplos são vários, mas aqui vão algumas dicas: Você pode eleger dois filmes e separar conforme o gosto de cada um. Você pode falar dois sabores de sorvete e separar conforme aquele que gostam mais. Você pode criar vários exemplos como esse e adequar conforme o seu dia a dia na escola.





E SE?

Neste tópico nós iremos dar algumas sugestões de como “se sair bem” caso aconteça alguma situação que acione diversos tipos de preconceito em seu cotidiano e como se posicionar diante delas. Por exemplo:

“Nossa, você “tá” fazendo isso? Isso é coisa de menina!”

R: Mas, por que isso seria coisa apenas de menina? Isso é coisa de menino e de menina também. Dizer que algo é coisa de menina ou de menino é algo que nós mesmos criamos em sociedade, além de limitar a vida das pessoas! Por exemplo, você acha que futebol é coisa de menino? A Marta é uma das maiores artilheiras do futebol brasileiro e é uma mulher.

“Olha lá quem “tá” vindo! A piranha da escola!”

R: Ela não é um peixe. Ela é um ser humano e tem direito a fazer o que quer com o seu próprio corpo. Será que devemos nos importar tanto com o que acontece com a vida de outras pessoas? Você gostaria que fizessem o mesmo com você?

“Homem não chora! Homem não pode ser sensível!”

R: Quem disse que homem não chora? Homem pode e deve chorar. Não existe nenhum problema em ser sensível e demonstrar o que está sentindo. Homens têm sentimentos como qualquer outra pessoa, porém não são incentivados e muitas vezes são reprimidos quando os demonstram afeto.

“Macaco!!!”

R: Você sabia que isso é racismo¹⁸? Você sabia que racismo é crime? O racismo é uma forma de violência que tem por base a noção de que uma raça é superior a outra raça. Este tipo de violência pode ser em relação a questões raciais, cor da

¹⁸ Para saber mais sobre a discussão de Racismo, vá para o Volume 4 - *Poder, Relacionamentos e Violência(s)*



pele ou características físicas associadas a uma raça vista como inferior e tem como finalidade a eliminação de direitos humanos de determinado grupo racial. Em nosso contexto, o racismo violenta diariamente pessoas negras e isso acarreta em injustiças, dores emocionais, diminuição da autoestima e diversas outras consequências que afetam brutalmente as pessoas negras. [Resposta com base na Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989]

“Nossa, aquela pessoa é muito gorda! Parece uma baleia!”

R: Não tem problema nenhum em ser uma pessoa gorda. Ser uma pessoa gorda não é algo ruim, por isso, criar nomes pejorativos é uma forma de preconceito. Os corpos podem existir de diversas formas e não respeitar o direito do outro ser o que ele é pode gerar muitos problemas para a própria pessoa, como por exemplo, prejudicar sua autoestima. Muitas vezes acreditamos que ser magra é melhor e mais saudável, pois isso acaba sendo o corpo padrão, ou seja, aquele corpo que acreditamos ser mais aceito, saudável e bonito. Porém, ser uma pessoa gorda não é um problema e nem sinônimo de ser doente.

“Mas eu não tenho preconceito. Isso é só a minha opinião”

R: Se a sua opinião limita a liberdade de outra pessoa é preconceito sim. Quando você tem preconceito em relação a alguma pessoa, por exemplo, você se limita a entender e aprender com ela, ou seja, você não dá oportunidade para conhecer outra pessoa e se mantém fixo em uma ideia pré-concebida que restringe a sua visão de mundo e fere o direito da outra pessoa existir e viver longe de preconceitos.

“O que você acha de homem que beija homem e mulher que beija mulher?”

R: Cada um gosta e beija quem quiser, desde que as duas pessoas estejam de acordo.



COMO FAZER UM FANZINE

Depois de conversar sobre assuntos tão importantes, que tal transformar isso em um material que pode virar uma campanha comunitária, um diário, um jornal informativo ou mesmo algo que seja possível trocar com outras pessoas? O Fanzine funciona como uma ferramenta que possibilita a expressão de sentimentos, opiniões e até o debate de assuntos através de textos, imagens e colagens e apresenta um outro método para discussões e para o exercício da criatividade.

Concretizar a imaginação e o pensamento em forma de Fanzine pode ser bastante interessante uma vez que ele poderá circular tanto dentro, quanto fora da escola.

A nossa proposta é incentivar as/os alunas/alunos a confeccionarem seus Fanzines ao final de cada volume da Caixa de Ferramentas ou quando você achar necessário (por exemplo, quando você quiser incentivar a turma a debater mais sobre determinado assunto, etc). Para fazer o Fanzine é necessário papel A4, tesoura, cola, canetas coloridas, revistas ou jornais e colocar suas ideias no papel!

1 - Dobre o papel ao meio ao comprido (estilo hotdog)

2 - Dobre o papel ao meio novamente (estilo hamburger)

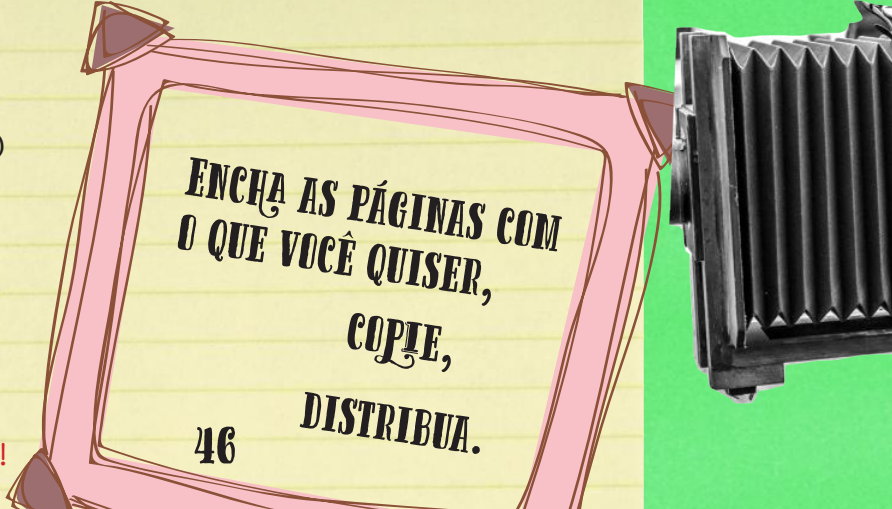
3- Dobre o papel ao meio mais uma vez.

4 - Desdobre o papel. Ele deve ter agora 8 seções retangulares

5-Pegue o estilete (ou a tesoura, o que você achar que funciona melhor) e corte ao longo entre os dois pontinhos demarcados. (fig A)

- 6- Dobre o papel ao longo dessa mesma linha (estilo hotdog)
- 7 - Agora dobre as páginas de modo que o meio apareça, basicamente formando uma cruz (fig. B)

8 - Eis o seu ZIIINE!



ENCHA AS PÁGINAS COM
O QUE VOCÊ QUISER,
COPIE,
DISTRIBUA.

46

MATERIAIS:

- papel A4
- estilete

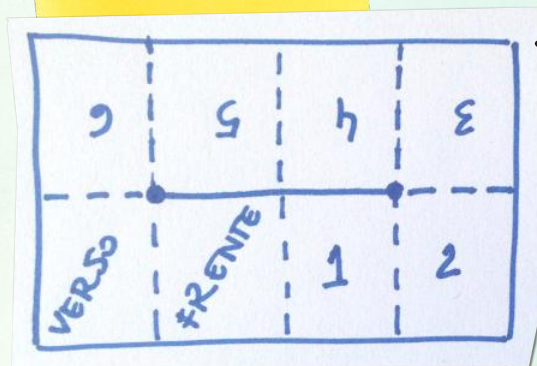


FIG. A

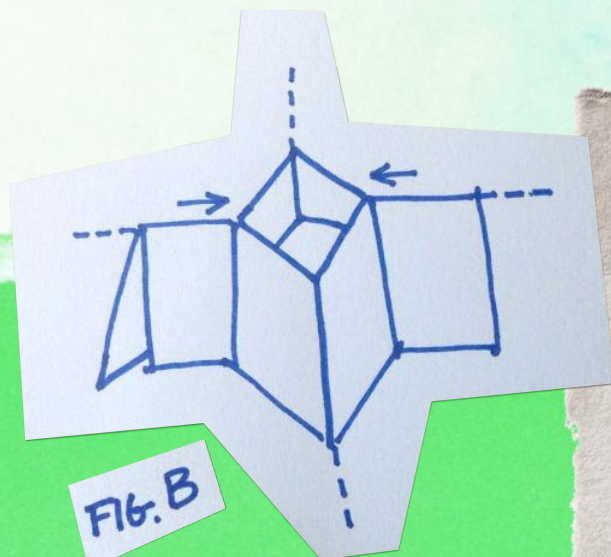
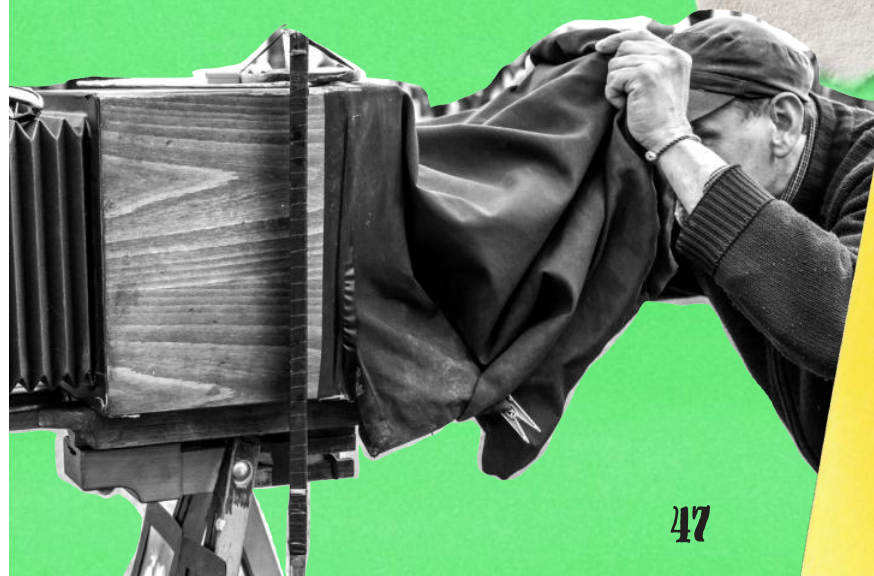


FIG. B



CRIANDO UMA
CAMPANHA
COMUNITÁRIA

Objetivo: Despertar a capacidade de reflexão e mobilização coletiva sobre questões importantes para a comunidade.

Tempo recomendado: mínimo de 6 horas (veja nas dicas para planejamento)

Materiais necessários: cartolinas ou papel pardo para cartaz, lápis e canetas coloridas, tesouras, colas, revistas velhas.

Dicas para planejamento: O período necessário para realizar esses passos irá depender dos recursos disponíveis e pode levar semanas. É desejável que as pessoas que são o público-alvo da campanha possam participar do planejamento também. Isso gera uma campanha mais próxima, eficaz e mobiliza mais as pessoas.

Passo a passo:

- Nessa atividade, vamos pensar no tema da prevenção de violência contra crianças e adolescentes com a perspectiva de gênero.
- O primeiro passo é fazer uma avaliação de necessidades: reunir o grupo para refletir sobre comportamentos, atitudes e conhecimentos que influenciam ou produzem vulnerabilidade à violência de gênero de crianças e adolescentes. Estas informações podem ser obtidas por levantamento de pesquisas no local ou até mesmo por um grupo de debates com o público da campanha. Podem ser feitas perguntas como:
 1. Como são os comportamentos de homens e mulheres em seus relacionamentos?
 2. O que homens e mulheres entendem por um relacionamento com base na igualdade?
 3. Quais são os principais obstáculos que enfrentam para terem relações baseadas no respeito?
 4. Quais são as expectativas dos homens e seus medos?
 5. Como são tratadas as meninas na escola/comunidade/ entorno?
 6. Quais são suas expectativas, sonhos, medos?
 7. Que informações são necessárias para a prevenção da violência de gênero de crianças e adolescentes?

- Depois de levantadas essas informações, é importante focalizar, isto é, definir com mais detalhes o perfil “típico” do público que a campanha pretende alcançar. Uma técnica útil para definir as características do público é a de criar um perfil de personagem. Veja se as perguntas abaixo são pertinentes para o público com que você está trabalhando. Peça que imaginem uma ou mais pessoas com quem a campanha irá se comunicar de acordo com essas perguntas:

1. Qual seu nome?
2. Que idade tem?
3. Onde vive?
4. Trabalha?
5. Estuda?
6. Como se veste?
7. Quem são seus amigos?
8. O que faz para se divertir?
9. O que deseja ser? Quais obstáculos encontra?
10. Que tipo de música escuta?
11. Como conhece ficantes/namoradas/os?
12. Que tipos de meninas/os prefere?
13. Está ficando ou namorando com alguém? Fale sobre essa pessoa (Quem é? O que faz? Como conheceu?)
14. Como é tratado/a pela/o namorada/?
15. O que as/os amigas/os acham da relação?
16. O que as/os familiares acham da relação?
17. Como se sente na relação?
18. O que pensa da escola?
19. O que forma suas atitudes e opiniões?
20. Trabalha? O que faz no dia-a-dia?
21. Que espaços frequenta?
22. Quais são seus ídolos?
23. Como busca informações?
24. Com quem conversa sobre sexo?
25. Sofre algum tipo de violência?
26. Comete algum tipo de violência?
27. Que preconceitos tem?
28. O que gostaria de mudar no meio em que vive?
29. O que poderia fazer para mudar isso?
30. O que fazer para evitar violências?
31. Como se imagina daqui a 5 anos?

De acordo com o perfil, vocês poderão criar estratégias e mensagens que se comuniquem com mais eficiência com o grupo. Desenvolver mensagens é o passo que geralmente requer mais tempo e criatividade. **As mensagens de campanha que são positivas e orientadas à ação costumam ser mais atraentes e inspiradoras que aquelas que culpam as pessoas e/ou enfocam somente as consequências negativas.**

Depois de fazer o perfil, vocês podem mapear as influências e informações que as pessoas recebem sobre o tema da violência de gênero. O passo seguinte é o de definir quais mídias (ex.: rádio, revistas, "outdoors", cartazes, redes sociais) e canais sociais (ex.: amigas/os educadoras/es, celebridades locais) seriam mais estratégicos para alcançar o público com mensagens sobre modelos positivos, que promovem a prevenção da exploração sexual de crianças e adolescentes. Se tiver pouco dinheiro ou dinheiro nenhum para campanha, é preciso usar bastante a criatividade para alcançar as pessoas. Um passo importante é buscar parceiros que podem apoiá-lo, mas antes você precisa convencê-las/os sobre o apoio da mobilização de todos pela garantia dos direitos de crianças e adolescentes.

Dica: A campanha deve ir além da simples oferta de informações, mas tratar de normas e percepções relacionadas a comportamentos e assim permitir uma reflexão individual e coletiva sobre o tema.

Se quiser conhecer exemplos de algumas campanhas dê uma olhada nesses links:

<http://promundo.org.br/recursos/sem-vergonha/>

<http://promundo.org.br/2014/11/13/brincar-ajuda-jovens-e-pais-a-dialogarem-sobre-sexualidade/>

<http://promundo.org.br/2014/06/18/nao-e-curticao-e-exploracao/>

<http://promundo.org.br/recursos/voce-e-meu-pai/>



DICAS

Sites para visitar:

Para saber mais sobre o movimento de pessoas trans: <http://transfeminismo.com/>

Para saber mais sobre as questões de gênero: <http://blogueirasfeministas.com/> e <http://cfemea.org.br>

Filmes para assistir:

A ENCANTADORA DE BALEIAS

Direção: Niki Caro, 2004

Sinopse: conta a história de uma menina que luta para manter viva a tradição do filho primogênito de cada linhagem e torna-se líder de sua aldeia, mesmo sendo uma menina.

A GAROTA DINAMARQUESA

Direção: Tom Hooper, 2015

Sinopse: A história do pintor dinamarquês Einar Wegener que, em 1931, foi uma das primeiras pessoas a se submeter a uma cirurgia redesignação sexual. Lili Elbe é vista como a primeira transexual a fazer esta operação.

AS SUFRAGISTAS

Direção: Sarah Gavron, 2015

Sinopse: Inspirado no movimento sufragista do final do século XIX e início do XX, na Inglaterra, o drama "As Sufragistas" retrata a vida de um grupo de mulheres que resistia à opressão de forma passiva, sendo ridicularizadas e ignoradas pelos homens. A partir do momento em que começam a encarar uma crescente agressão da polícia, elas decidem se rebelar publicamente. Um dia, após sair da lavanderia em que trabalhava, Maud se assusta com o caos de um protesto e acaba reconhecendo uma companheira de trabalho entre os manifestantes. A partir desse momento, a personagem decide reivindicar seus direitos como mulher e a lutar por sua dignidade.

BILLY ELLIOT

Direção: Stephen Daldry, 2000

Sinopse: É um filme que aborda a escolha de um menino por aulas de balé. Billy troca o boxe pela dança, sem que o pai saiba. Ele vive numa comunidade conservadora e luta para conseguir a aceitação por parte do irmão e o consentimento do pai para se dedicar à carreira escolhida.

DE GRAVATA E UNHA VERMELHA

Direção: Miriam Chnaiderman, 2015

Sinopse: “Nunca fui uma mulher, mas lógico que nunca vou ser um homem”. A frase de Bianca Soares dá uma mostra da discussão proposta pelo premiado documentário brasileiro, da psicanalista Miriam Chnaiderman. O filme traz entrevistas com diversas personalidades que, em suas histórias de vida, colocaram em perspectiva o modelo de identificação binário homem/mulher, e questionaram os estereótipos construídos para cada um dos gêneros. São entrevistados o cantor Ney Matogrosso, a cartunista Laerte, a atriz Rogéria e o estilista Johnny Luxo, entre outras pessoas.

EU, TU, ELES

Direção: Andrucha Waddington, 2000

Sinopse: É um filme baseado em fatos reais que conta a história de Darlene, uma mulher do sertão brasileiro que manteve e administrou relações conjugais com vários homens, simultaneamente.

LAURENCE ANYWAYS

Direção: Xavier Dolan, 2012

Sinopse: O jovem diretor canadense Xavier Dolan, que em seus filmes sempre aborda temáticas relacionadas à diversidade sexual e às identidades de gênero, conta a história do professor de literatura Laurence, um homem que, em seu aniversário de 30 anos, revela à sua namorada que quer se tornar uma mulher e irá fazer uma cirurgia de mudança de sexo. Mesmo abalada com a revelação, a namorada resolve permanecer ao seu lado. Ambientado na década de 1990, o filme mostra como o casal lida com os preconceitos de familiares, amigos e colegas de trabalho.

MADAME SATÃ

Direção: Karin Aïnouz, 2002

Sinopse: Retrata a vida de um homem que se tornou referência na cultura marginal urbana do século XX, João Francisco dos Santos – malandro, presidiário, transformista, pai adotivo de sete filhos, negro, pobre, homossexual – mais conhecido como “Madame Satã”. Frequentador da Lapa, no Rio de Janeiro, o filme mostra seu círculo de amigos, antes dele se transformar no lendário personagem da boemia carioca.

MENINA DE OURO

Direção: Clint Eastwood, 2004

Sinopse: Trata-se da história de uma jovem cujo maior sonho era lutar boxe. Enfrentando preconceitos, rompeu barreiras e conquistou reconhecimento sem nunca deixar de ser discriminada pela família.

MENINOS NÃO CHORAM

Direção: Kimberly Peirce, 1999

Sinopse: Teena Brandon se tornou Brandon Teena e passou a reivindicar uma nova identidade, numa cidade rural de Falls City, Nebraska. Brandon inicialmente consegue criar uma imagem masculinizada de si, se apaixonando pela garota com quem sai, Lana, e se tornando amigo de John e Tom. Entretanto, quando a transexualidade de Brandon vem público, a revelação ativa uma espiral crescente de violência na cidade.

MINHA VIDA EM COR DE ROSA

Direção: Alan Berliner, 1997

Sinopse: Ludovic, um menino de sete anos, começa a assumir uma identidade feminina. Sua família oscila entre a repressão e a aceitação. Os conflitos se intensificam quando Ludovic se maquia e veste roupas tidas como femininas, em uma festa da família. Ludovic passa a questionar cada vez mais sua identidade de gênero e a nutrir a ilusão de que conforme cresce, se tornará uma mulher.

MORRER COMO UM HOMEM

Direção: João Pedro Rodrigues, 2009

Sinopse: Tonia, uma veterana do espetáculo de travesti lisboeta, vê desabar o mundo à sua volta. O seu estrelato é ameaçado pela concorrência das artistas mais novas. Pressionada pelo seu jovem namorado Rosário a assumir a identidade feminina, submetendo-se a uma operação redesignação sexual, Tonia luta contra as suas convicções religiosas mais profundas: se, por um lado, quer assumir-se mulher, por outro, acredita que perante Deus estará cometendo um erro. Tonia reencontra o filho que ela havia abandonado em criança. E também descobre que está doente. Com o pretexto de visitar o irmão de Rosário, foge para o campo com o namorado. Perdem-se numa floresta encantada, um mundo mágico onde encontram a enigmática Maria Bakker e a sua amiga Paula. E este encontro mudará sua vida.

TOMBOY

Direção: Céline Sciamma, 2012

Sinopse: Laure é uma garota de 10 anos, que vive com sua mãe, seu pai e a irmã caçula, Jeanne. A família se mudou há pouco tempo e, com isso, são pessoas novas na cidade e não conhecem a vizinhança. Um dia Laure resolve ir na rua e conhece Lisa, que a trata com pronomes masculinos. Laure, que usa cabelo curto e gosta de vestir roupas associadas ao gênero masculino, aceita a confusão e se apresenta como Mickaël. A partir de então, Mickaël ganha vida.

TRANSAMERICA

Direção: Duncan Tucker, 2005

Sinopse: O longa conta a história de Bree, uma mulher transgênero que, uma semana antes de fazer a cirurgia de redesignação sexual, descobre ter um filho de 17 anos, concebido quando ainda possuía uma identidade masculina. Orientada por sua psicóloga a buscar o filho – que está preso – antes da operação, Bree parte rumo a Nova York. No caminho de volta para Los Angeles, Bree e o jovem passam a se conhecer, convivem e, entre conflitos, buscam se entender.

VESTIDO NUEVO

Direção: Sergi Pérez, 2008

Sinopse: “Gosto muito do dia de carnaval. É muito divertido, porque nos fantasiamos e nos deixam ir sem uniforme. Ir como queremos”. Com essa fala do pequeno Mário começa essa sensível produção, feita pela TV pública espanhola, que mostra a história de um menino, que, em um dia de carnaval, chega à escola de vestido rosa e unhas pintadas. Com apenas 13 minutos de duração, o curta traz à tona como o ambiente escolar possui um papel fundamental e formador, nesses casos. Mostra, ainda, a forma diferente como adultos e crianças lidam com a questão.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ktCXZg-HxGA>

XXY

Direção: Lucía Puenzo, 2007

Sinopse: Este filme é uma produção argentina e conta a história de Alex, uma adolescente intersex de 15 anos. O pai e a mãe de Alex decidiram se isolar em um vilarejo de Uruguai após o seu nascimento. Alex nasceu com traços fenotípicos predominantemente entendidos como femininos, porém, com genitais associados ao gênero masculino e vivia tranquilamente até se interessar afetivamente e sexualmente pelo filho de um casal de amigos de seus pais. A partir deste momento, Alex inicia uma experimentação de seu corpo e explora sua sexualidade.



ESTRELAS ALÉM DO TEMPO

Direção: Theodore Melfi, 1961

Sinopse: Em plena Guerra Fria, Estados Unidos e União Soviética disputam a supremacia na corrida espacial ao mesmo tempo em que a sociedade norte-americana lida com uma profunda cisão racial, entre brancos e negros. Tal situação é refletida também na NASA, onde um grupo de funcionárias negras é obrigada a trabalhar a parte. É lá que estão Katherine Johnson (Taraji P. Henson), Dorothy Vaughn (Octavia Spencer) e Mary Jackson (Janelle Monáe), grandes amigas que, além de provar sua competência dia após dia, precisam lidar com o preconceito arraigado para que consigam ascender na hierarquia da NASA.

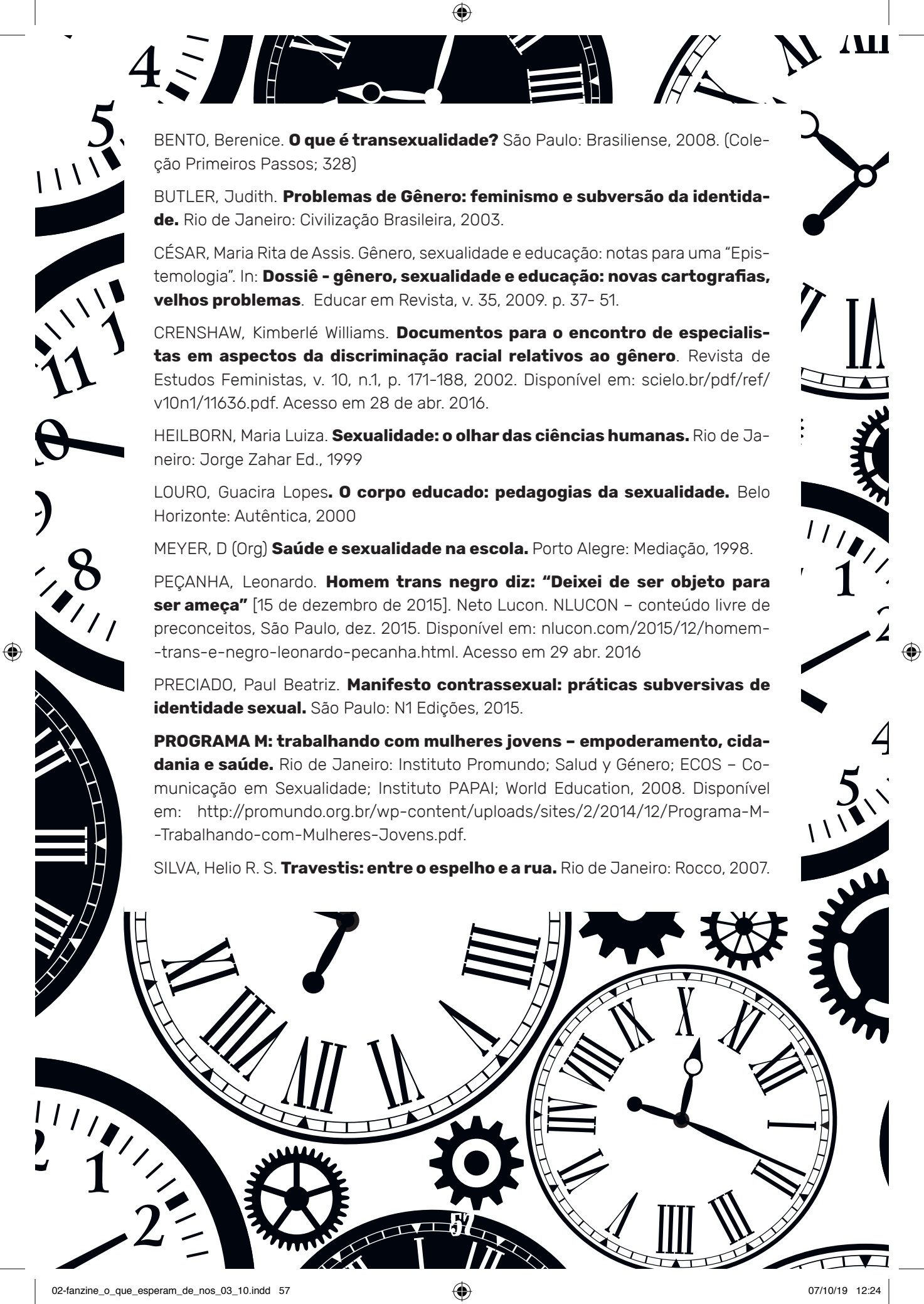
Leituras complementares:

ARILHA, Margareth; LEITE, Osmar; ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia; SIMONETTI, Vera. **Projeto H: sexualidade e saúde reprodutiva**. Rio de Janeiro: Instituto Promundo; ECOS – Comunicação em Sexualidade; Salud y Género; International Planned Parenthood Federation Western Hemisphere Region (IPPF/WHO), 2001. (Caderno 1; Série Trabalhando com homens jovens). Disponível em: <http://promundo.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2014/12/Programa-H-Trabalhando-com-Homens-Jovens.pdf>

ARQUIVO da tag: Joan Scott. **Ensaio de Gênero** – um espaço para ensaiar política, educação, feminismo e coisas do gênero. (blog desenvolvido por Adriano Senkevics). Disponível em: ensaiosdegenero.wordpress.com/tag/joan-scott/. Acesso em: 05 jul. 2016

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

BARSTED, Leila Pinhares; PINTANGUY, Jacqueline (Orgs). **O progresso das mulheres no Brasil (2003-2010)**. Rio de Janeiro: Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação (CEPIA); Brasília: Organização das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres), 2011. Disponível em: onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf. Acesso em 29 abr. 2016.



BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos; 328)

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. In: **Dossiê - gênero, sexualidade e educação: novas cartografias, velhos problemas.** Educar em Revista, v. 35, 2009. p. 37- 51.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. **Documentos para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Revista de Estudos Feministas, v. 10, n.1, p. 171-188, 2002. Disponível em: scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf. Acesso em 28 de abr. 2016.

HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade: o olhar das ciências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000

MEYER, D (Org) **Saúde e sexualidade na escola.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

PEÇANHA, Leonardo. **Homem trans negro diz: “Deixei de ser objeto para ser ameaça”** [15 de dezembro de 2015]. Neto Lucon. NLUCON – conteúdo livre de preconceitos, São Paulo, dez. 2015. Disponível em: nlucon.com/2015/12/homem-trans-e-negro-leonardo-pecanha.html. Acesso em 29 abr. 2016

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual.** São Paulo: N1 Edições, 2015.

PROGRAMA M: trabalhando com mulheres jovens – empoderamento, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: Instituto Promundo; Salud y Género; ECOS – Comunicação em Sexualidade; Instituto PAPAI; World Education, 2008. Disponível em: <http://promundo.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2014/12/Programa-M-Trabalhando-com-Mulheres-Jovens.pdf>.

SILVA, Helio R. S. **Travestis: entre o espelho e a rua.** Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SERVIÇOS:

REDE DE PROTEÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

A escola é uma instituição que faz parte da rede de proteção e garantia dos direitos das crianças e adolescentes. Esta rede é composta não só pela Educação, mas também por outras instâncias e serviços dos campos da Saúde, Justiça, Assistência Social, Cultura, Esporte e Lazer.

Muitas vezes, quando pensamos em um funcionamento em rede, imaginamos os serviços funcionando em uma estrutura pronta, esperando para serem acessados, com todos os seus procedimentos pré-definidos, desde a porta de entrada até as medidas e os encaminhamentos cabíveis. No entanto, na prática as/os profissionais da Educação percebem que o trabalho em rede é tecido por pessoas, se fortalecendo a cada contato, estando sempre em construção. O trabalho requer um investimento permanente que não se esgota no primeiro contato, mas na medida em que se trilha este caminho, o mesmo vai ganhando concretude. Cada situação é singular e, dado o contexto, a leitura dos sujeitos envolvidos vai delineando o caminho a ser construído.

É importante, no surgimento de uma situação de violência/violação, ter uma postura atenta e cuidadosa, buscando uma conversa prévia com as instituições parceiras e possíveis encaminhamentos com objetivo de discutir a situação a partir da construção de linhas de cuidados (pertinentes a cada parceiro) e esclarecendo aspectos importantes da situação. É neste contexto inicial que se começa a tecer a própria rede de proteção para cada caso. O encaminhamento por si só não garante a continuidade no acompanhamento, sendo necessário manter o diálogo permanente sobre as situações. Muitas vezes isso gera certas tensões, que podem estar relacionadas ao modo como cada instituição entende ou pode oferecer determinado cuidado. A noção de cuidado é bastante ampla, não correspondendo muitas vezes ao nosso referencial acerca do que seja cuidar, ou ainda, pode acontecer em um tempo diferente do que possamos supor como ideal. É importante entender que essas diferenças fazem parte de um trabalho em rede.



Muitos serviços já estão acostumados a receber profissionais da educação para discutir casos que precisam ser acompanhados em rede e definir coletivamente as ações. Diversas são as maneiras disso acontecer. Na saúde, por exemplo, existem fóruns territoriais e supervisões de território (reuniões que envolvem vários parceiros), além da possibilidade de se marcar uma discussão específica.

Frente a situações de violência/violação de direitos de crianças e adolescentes, qualquer profissional da escola, pode buscar os seguintes parceiros que compõem a Rede de Garantia de Direitos:

NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO:

- Coordenadoria Regional de Educação – Instituição responsável pela orientação e acompanhamento das escolas.
- Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Escolas (NIAP) – Trabalho realizado por Assistentes Sociais, Psicólogas/os e Professoras/es com objetivo de contribuir para o fortalecimento das equipes das Unidades Escolares de modo que se reconheçam e se consolidem como parte da rede de proteção à criança e ao adolescente.

NO ÂMBITO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL:

- Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é uma unidade de atendimento socioassistencial de famílias. É o principal equipamento da Proteção Social Básica materializando a política de assistência social.
- Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) – Segue as normas do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), funcionando como polo de referência das ações de Proteção Especial de Média e Alta Complexidade e tem como foco fortalecer e potencializar as ações em benefício das famílias em situação de vulnerabilidade social.

NO ÂMBITO DA SAÚDE:

- CAPSi – Centro de Atendimento Psicossocial da infância e adolescência: Serviço de saúde mental voltados para o atendimento de crianças e adolescentes, composto por equipe interdisciplinar
- Equipes de Estratégia de Saúde da Família: a porta de entrada é a atenção básica.
- Hospital Geral – Em caso de emergência de saúde.
- Postos e Clínica da Família – Atendimento ambulatorial.

NO ÂMBITO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL:

- Conselho Tutelar da área – É um órgão autônomo para garantia de direitos da criança e do adolescente. É constituído por uma equipe técnica de psicólogas/os, assistentes sociais e pedagogas/os, além das/os conselheiras/os, que estão aptas/os a receber as/os profissionais da escola.

Indicamos duas ferramentas que estão disponíveis para uso público em casos de violação de direitos, tais como: O aplicativo **Proteja Brasil**, que localiza os serviços de encaminhamento próximo de quem o está utilizando, além de trazer informações pertinentes sobre os diferentes tipos de violação e o **Disque 100**, que é uma possibilidade de comunicação anônima de denúncia e/ou pedido de ajuda.

Em anexo neste volume VOCÊ pode encontrar uma lista de contatos de diversos serviços de assistência aos quais pode recorrer e que pode inclusive compartilhar com seus colegas e alunos, ou mesmo afixar na sua sala de aula, espaço de oficina ou outro local com boa visibilidade para que mais pessoas tenham acesso a essa informação.

**EU SOU,
TU ÉS, NÓS
SO(MA)MOS.**





FECHAMENTO

A discussão e todas as atividades deste volume estão relacionadas com as temáticas de coletividades. Porém, isso não quer dizer que este tema pode ser abordado completamente isolado de outras questões. A escolha por essa abordagem foi para manter a discussão didática, leve e flexível. Nos demais volumes você poderá encontrar outras discussões, como também poderá articular vários temas ao mesmo tempo.

Caso você queira ler sobre Diversidade Sexual, vá para o Volume 3: Diversidade(s). Se você quiser dar uma olhada no que falamos sobre temas que dizem respeito a comunicação saudável dentro das relações sociais, vá para o Volume 5: Comunicação e Relacionamentos.

Não deixe também de explorar o Volume 1: Construindo vínculos: a força do coletivo e Volume 4: Poder, relacionamentos e violências.

Nós sabemos que não é nada fácil fazer construir uma nova concepção acerca do mundo e como é difícil transformar a sociedade visando relações mais igualitárias entre as pessoas. Porém, este é o desafio das desconstruções: tentar reinventar-se e dar um empurrãozinho na reinvenção da sociedade. Afinal, toda a mudança começa por nós mesmas/mesmos.

Fazer um novo passeio em um lugar não tão comum, um lugar que não estamos habituadas/os a estar pode ser interessante e transformador. Siga em frente, você não está sozinha/o!





BABI TEM SETE ANOS. SEUS PAIS
ACHARAM ESTRANHO QUANDO ELA ESCOLHEU
FAZER **KARATÊ** AO INVÉS DE **BALLET**.



BABI,
AS CONVENÇÕES CULTURAIS DE **GÊNERO**
NÃO DEVEM LIMITAR SUA **IDENTIDADE**.
VOCÊ PODE FAZER O QUE **QUISER!**

Carol Rossetti



Cores #10



CABELO CURTO
NÃO É FEMININO

PELO VISTO,
CURTO É O SEU
RACIOCÍNIO?



BAOZINHA,
SABE O QUE VOCÊ
VAI VIRAR SE FICAR
NA COZINHA?

UM
COZINHEIRO?



Cores #21





GLOSSÁRIO

Abuso sexual de crianças e adolescentes - É a utilização do corpo de uma criança ou adolescente por um adulto, com intencionalidade sexual. O abuso sexual acontece com ou sem o uso de violência física, através de sedução, chantagem, ameaça ou mentiras, baseada numa relação desigual. Consiste em um ato ou jogo sexual em que o/a autor da violência está em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais avançado que a criança ou adolescente. Geralmente, este adulto tem uma relação de afeto, confiança, parentesco e autoridade com a criança ou adolescente, o que, muitas vezes, faz com que a vítima se cale e obedeça aos pedidos feitos pelo/a abusador/a. Ocorre em lugares considerados mais seguros, como casa, escola e igreja.

Além das formas de abusos COM contato físico (carícias, tentativas de obter relação sexual, masturbação, sexo oral, vaginal ou anal), há aquelas SEM contato físico. Aqui lembramos de práticas de abuso sexual que, às vezes, não são reconhecidas ¹⁹:

- **Voyerismo** - Ato de observar relações ou órgãos sexuais de outras pessoas quando elas não desejam ser vistas, no qual o/a observador/a obtém satisfação sexual com essa prática.
- **Exibicionismo** - Ato de mostrar os órgãos genitais ou se masturbar em frente a crianças ou adolescentes ou dentro do campo de visão deles.
- **Abuso sexual verbal/telefonemas obscenos** - Pode ser definido por conversas sobre relações sexuais destinadas a despertar o interesse sexual da criança ou adolescente.

Assédio sexual - Caracteriza-se pelo ato de uma pessoa, que tenha um cargo ou uma posição superior, constranger outra pessoa a prestar favores sexuais. Manifesta-se por meio de propostas indecorosas, falas obscenas e pressão para ter relações sexuais sem que o outro deseje, mas que, no entanto, se sinta constrangido em reagir ou se defender por se encontrar em uma posição ou cargo inferior ao do/a agressor/a.

Bissexualidade - Atração afetiva e/ou sexual por pessoas de ambos os gêneros.

¹⁹ Fonte: BRASIL. SDH. MEC. Guia escolar: métodos para identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Brasília: SDH e MEC, 2004, p.30. Disponível em: http://www.mpdf.mp.br/portal/pdf/unidades/promotorias/pdij/Publicacoes/Guia_Escolar.pdf

Cisgênero - É o termo utilizado para se referir às pessoas que se identificam (se reconhecem) com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Isto significa que, se uma pessoa foi marcada como mulher no nascimento e se ela se reconhece como mulher ao longo de sua vida, é uma mulher cisgênero²⁰.

Coação sexual - Ato de pressionar uma pessoa para obter favores sexuais ou qualquer conduta física ou verbal de natureza sexual.

Construção social - É a formação de normas, significados, valores, símbolos sociais e regras empreendidas pela sociedade, com base em práticas tanto individuais, quanto sociais de cada pessoa. Esse movimento é contínuo, uma vez que a sociedade redefine e renegocia essas questões constantemente.

Contracepção de emergência - Contracepção de emergência é um recurso contraceptivo feito à base de doses de hormônios que impedem a ovulação, a fecundação do óvulo pelos espermatozoides e a implantação do óvulo no útero, impedindo o início da gravidez. A contracepção de emergência não é um método abortivo e precisa ser feita até 72 horas após a relação sexual. É um recurso emergencial que pode evitar uma gravidez não planejada.

Desigualdade - Diz respeito a uma circunstância que privilegia algo ou alguém em relação ao outro. As circunstâncias que privilegiam alguns são construídas socialmente, sendo muitas vezes associada à ideia de injustiça.

Desigualdade social - Considera que existem processos relacionais na sociedade que têm o efeito de limitar ou prejudicar o status de um determinado grupo, classe ou círculo social, não se verificando um equilíbrio no padrão de vida dos seus habitantes, seja no âmbito econômico, escolar, profissional, de gênero, entre outros. A desigualdade social é uma porta para outros tipos de desigualdades, como a desigualdade de gênero, desigualdade racial, desigualdade regional, entre outras.

Desigualdade de gênero - A questão da desigualdade entre homens e mulheres é um fator histórico. É possível perceber que desde a Antiguidade a mulher é tratada como ser inferior ao homem devido a diversas crenças religiosas que legitimavam tal perspectiva e que permeavam os costumes sociais. Apesar das mulheres cada vez cada vez mais se posicionarem em cargos de chefias em diversas empresas do Brasil e do mundo, assumindo e reafirmando sua posição social, na grande maioria dos casos, elas possuem uma jornada dupla de trabalho, na qual trabalham fora e, além disso, devem também trabalhar em casa. Este tipo de naturalização se configura como uma grande desigualdade.

Desigualdade racial - Toda e qualquer disparidade socioeconômica sistemática e persistente com base na raça ou cor de pele não-branca com mecanismos de sustentação através do tempo. No caso brasileiro, a desigualdade racial tem origem no regime de escravidão e perdura até os dias atuais por meio da exploração por parte de pessoas brancas em relação a pessoas negras e indígenas. Essa desigualdade se reflete no acesso a bens, serviços, oportunidade e como as relações sociais se estabelecem.

20 Ver Pessoas Trans

Diferença - Caráter que distingue um ser de outro ser, seja no todo ou em algum aspecto particular. As diferenças podem ser visíveis através dos sentidos ou serem detectadas por questões simbólicas, não sendo desejável que sejam eliminadas. Vale lembrar que a diferença em nosso contexto social pode promover desigualdade.

Discriminação - Discriminar significa “fazer uma distinção”. O significado mais comum tem a ver com a discriminação sociológica, baseada em alguma característica da pessoa: a discriminação social, racial, política, religiosa, sexual, idade, entre outros.

Discriminação racial - Discriminação racial é um conceito que normalmente é confundido com racismo (e que o abarca), mas se trata de conceitos que não necessariamente coincidem. Enquanto o racismo se baseia na superioridade de uma raça ou etnia em relação à outra, a discriminação racial é um ato que, embora esteja fundado em uma perspectiva racista, nem sempre o está. Ou seja, é preciso deixar explícito que a discriminação racial positiva (quando as discriminações têm como objetivo garantir a igualdade das pessoas afetadas) constitui uma maneira de discriminação cujo objetivo é combater o racismo. Exemplo disso são as cotas universitárias para pessoas negras.

Educação de pares - É a troca de saberes entre semelhantes, ou seja, entre pessoas ou grupos que têm o mesmo perfil e compartilham as mesmas vivências, o que facilita o intercâmbio de conhecimentos e práticas.

Empoderamento - Palavra que vem do inglês “empowerment”, utilizada em movimentos sociais, para falar do processo de conquista, avanço e superação por parte de um grupo ou indivíduo, sujeito ativo do processo, que vivia uma situação de opressão.

Equidade de gênero - Processo de justiça entre as relações de gênero. Processo que leva à igualdade, através de medidas que compensam as desvantagens sociais e históricas e consideram as diferentes necessidades para que homens e mulheres possam gozar do mesmo status e tenham condições de alcançar suas aspirações.

Estereótipos - Generalização abusiva que distorce a realidade. Um exemplo é representar as mulheres sempre como esposas e mães, desconsiderando que elas trabalham, que não necessariamente se casam e querem ter filhos, e que têm vida social ativa. Outro é representar os homens sempre como chefes de família e incapazes de cuidar dos/as filhos. Os estereótipos de gênero apresentam as diferenças entre o comportamento de homens e mulheres como se fossem qualidades e fraquezas inerentes a cada gênero, ou seja, de nascença, de natureza.

Estigma - No contexto social, o estigma é considerado um processo de desvalorização, produzindo e reforçando desigualdades sociais já existentes, tais como aquelas relacionadas a raça, classe, gênero e orientações sexuais.

Estupro - Um ato violento que utiliza da força como meio de impor uma relação sexual não consentida. A pena de reclusão varia de 6 a 10 anos de prisão.

Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes (ESCCA)- É o ato de submeter crianças e adolescentes à relações sexuais não consentidas visando remuneração ou troca de favores, que podem ser direcionados à própria criança ou adolescente, à sua família ou ainda aos agenciadores deste tipo de trabalho sexual. Esta violência abarca: a exploração, o comércio do sexo, a pornografia infantil ou a exibição de espetáculos sexuais públicos ou privados.

Feminilidade - Se refere às características e comportamentos considerados por uma determinada cultura como associados ou apropriados a mulheres.

A feminilidade nos homens tal qual a masculinidade nas mulheres, é normalmente considerada negativa por agir contra os papéis tradicionais. Um estereótipo comum para homens homossexuais é de que são afeminados, em que exageram em comportamentos femininos.

Feminismo - É um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens, que se começou a popularizar no mundo ocidental nas primeiras décadas do século XX a partir da luta pela regulamentação do voto feminino.

O feminismo, como muitos pensam erroneamente, não é um movimento sexista, ou seja, que defende a figura da mulher sobre o homem, mas sim uma luta pela equidade entre ambos os gêneros. Atualmente, não são apenas as mulheres que se intitulam ou compartilham de pensamentos feministas, existindo homens que partilham da mesma visão de liberdade e direitos igualitários entre os sexos.

Gay - Homem que se relaciona afetiva e sexualmente com outros homens e se reconhece como tal.

Gênero - Refere-se aos comportamentos, atitudes, crenças, papéis relacionados ao que é ser homem ou mulher, aprendidos através da família, dos amigos, instituições culturais e religiosas, meios de informação, enfim, através de todas as relações estabelecidas pelos indivíduos.

Heterossexualidade - Atração afetiva e/ou sexual por pessoas do gênero oposto.

Homofobia - É um termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra homossexuais e, conseqüentemente, contra a homossexualidade. Pode também incluir formas sutis, silenciosas e insidiosas de preconceito e discriminação contra homossexuais. O termo homofobia pode estar relacionado a homens gays e a mulheres, sendo que para mulheres lésbicas costuma-se utilizar *lesbofobia* por questões de visibilidade.

Homossexualidade - Atração afetiva e/ou sexual por pessoas do mesmo gênero.

Homossexuais - Homens ou mulheres que possuem atração sexual ou afetiva por pessoas do mesmo sexo. O movimento de mulheres *lésbicas* prefere utilizar o termo *lésbica* para dar mais visibilidade a esse grupo e suas particularidades.

Igualdade de gênero - Significa que qualquer pessoa, independentemente do gênero com o qual se identifica goza do mesmo status, ou seja, compartilhar das

mesmas oportunidades e condições para realizar os seus direitos e potenciais humanos e contribuir com todas as esferas da sociedade (econômica, política, social e cultural) e se beneficiar delas.

Interseccionalidade – É um conceito/prática que funciona como uma ferramenta que leva em consideração a existência de várias experiências que passam por subordinações das quais uma pessoa pode estar sujeita ao mesmo tempo, demonstrando que as opressões não são independentes, mas inter-relacionadas.

Intersexual²¹ - Pessoas que podem ter características sexuais incluindo cromossomos, gônadas e/ou órgãos genitais que podem dificultar a identificação de uma pessoa como totalmente mulher ou homem. É comum que as pessoas acreditem que devam ser feitas cirurgias “reparatórias” em crianças intersexuais, contudo, é necessário destacar que a intersexualidade tem a ver como você se percebe em relação ao seu gênero, ou seja, é a própria pessoa intersexual que deve escolher seu gênero.

Lésbicas - Mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres.

LGBTI – Movimento social de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais.

Machismo - É o comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de uma pessoa que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros, favorecendo e enaltecendo o masculino sobre o feminino. Ou seja, é a ideia errônea de que os homens são “superiores” às mulheres.

O machismo está impregnado nas raízes culturais da sociedade há séculos, tanto no sistema econômico e político mundial, como nas religiões, na mídia e no núcleo familiar, este último apoiado em um regime patriarcal onde a figura masculina representa a liderança.

Misoginia - Ódio ou aversão às mulheres.

Opressão - Efeito negativo experimentado por pessoas que estão em uma posição de subjugação na sociedade ou em um grupo social.

Orientação sexual - É a atração que temos por uma ou várias pessoas tanto no âmbito afetivo, como sexual. Os seres humanos podem, legitimamente, se interessar pelo gênero oposto, pelo mesmo gênero ou ainda por ambos os gêneros. Serão respectivamente heterossexuais, homossexuais (gays e lésbicas) ou bissexuais.

Preconceito - Um conceito elaborado antes mesmo de uma constatação dos fatos. Utiliza-se de características encaradas como universais, buscando atribuí-las a todo e qualquer sujeito. Porém, quando isto não ocorre, a pessoa é vista de forma negativa, podendo chegar a ser excluída de espaços.

Pornografia infantil - Produção, reprodução, direção, fotografia, filmagem ou registro, por qualquer meio, de cena de sexo explícito ou pornográfica, envolvendo criança ou adolescente. A pena de quatro a oito anos de prisão e multa, atinge

21 Para saber mais: <http://transfeminismo.com/dez-ideias-falsas-sobre-pessoas-intersexo/>

também quem agencia, facilita, recruta, coage, contracenou ou de qualquer modo intermedeia a participação de criança ou adolescente nesse tipo de situação.

Racismo – É um ato de discriminar as pessoas baseado na raça ou cor da pele e tem como finalidade a diminuição ou a anulação dos direitos humanos das pessoas discriminadas. É uma forma de exercício de poder opressivo. O racismo consiste na ideia de que algumas raças são inferiores a outras atribuindo desigualdades sociais, culturais, políticas e/ou psicológicas à “raça” e, portanto, legitimando as diferenças sociais a partir de supostas diferenças biológicas. Historicamente o racismo tem servido para justificar uma série de genocídios (crimes contra a humanidade e diversas formas de dominação das pessoas).

Rede de proteção - União de pessoas, entidades e serviços em prol da garantia dos direitos da criança e do adolescente. A família, a escola e a comunidade podem atuar de modo conjunto e complementar a fim de proteger a criança.

Sexo - Refere-se aos atributos e características biológicas (genitália).

Sexualidade – É a expressão dos nossos sentimentos, pensamentos e desejos que incluem a atração afetiva/sexual por outras pessoas.

Socialização - É o processo pelo qual o ser humano aprende e interioriza os elementos socioculturais do seu meio, podendo corresponder as normas do contexto social em que vive ou passar por sanções/constrangimentos ao rejeitar a imposição de certas normas sociais.

Tráfico de crianças e adolescentes - Essa prática criminosa promove a saída ou entrada de crianças e adolescentes do território nacional, estadual ou municipal para inseri-las no mercado do sexo. Em 2004, o Brasil tornou-se signatário do Protocolo Facultativo para a Convenção sobre os Direitos da Criança relativos à Venda de Crianças e Pornografia Infantil. Um ano depois o País incluiu no Código Penal o artigo 231-A, passando a tipificar como crime o tráfico interno de pessoas para fins sexuais.

Tráfico de mulheres - São as atividades que envolvem o recrutamento e o deslocamento para trabalhos ou serviços, dentro ou fora das fronteiras nacionais, por meio de violência ou ameaça de violência, abuso de autoridade ou posição dominante, cativo por dívida, fraude e outras formas de coerção. O tráfico de pessoas tem como o objetivo a exploração, trabalhos forçados, servidão doméstica, escravidão ou práticas similares à escravidão ou, ainda, a doação involuntária de órgãos para transplante.

Transfobia - É um termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra pessoas trans.

Pessoas Trans²² - São pessoas que não estão de acordo com o gênero indicado no nascimento. Ou seja, de uma forma geral o médico anuncia antes mesmo do nascimento se será uma menina ou um menino. Uma pessoa trans não está de

22 Ver Cisgênero

acordo com gênero que lhe foi atribuído. Por exemplo, se ao nascer o gênero indicado foi masculino, mas ao crescer esta pessoa entende-se como mulher, trata-se de uma mulher trans. O movimento de travestis e transexuais no Brasil conseguiu conquistar alguns direitos nos últimos anos, como por exemplo, a Portaria MS nº 1.820 para o uso do nome social no SUS. Contudo, uma das maiores lutas desse movimento é pelo fim da patologização das identidades trans. É importante destacar que o Brasil é um dos países que mais mata pessoas trans e a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos, sendo que uma pessoa que não é trans tem expectativa de 78 anos.

Durante muito tempo houve uma forte diferenciação entre travestis e transexuais, atribuindo às pessoas transexuais uma ideia de que todas gostariam de fazer cirurgia de redesignação sexual, entre outras coisas. Contudo, hoje o movimento de travestis e transexuais, além do movimento transfeminista, entende que cada pessoa deve identificar-se da forma que quiser, não impondo uma diferenciação entre travestis e transexuais do ponto de vista médico ou psicológico.

Violência - É um comportamento que causa intencionalmente dano ou intimidação a outra pessoa ou ser vivo. Tal comportamento pode ferir a autonomia, integridade física ou psicológica e até mesmo a vida de outro. É o uso de força contra uma pessoa.

Violência doméstica contra crianças e adolescentes - Fenômeno que ocorre dentro da família, caracterizado por maus-tratos ou abuso (físico, psicológico, sexual e trabalho infantil doméstico) e negligência, tendo o ambiente familiar como local de práticas violentas.

Violência psicológica - Inclui humilhação, ameaça, insulto, como por exemplo, pressionar o/a parceiro/a e expressões de ciúme ou de posse, tais como o controle das decisões e das atividades, entre outros. É a forma de violência mais difícil de ser identificada.

Violência física - Uso da força física contra alguém. Pode incluir ações como bater, dar um tapa, empurrar, etc.

Violência psicológica - Inclui humilhação, ameaça, insulto, como por exemplo, pressionar o/a parceiro/a, além de expressões de ciúme ou de posse, tais como o controle das decisões e das atividades. É a forma de violência mais difícil de ser identificada.

Violência física - Uso da força física contra alguém. Pode incluir ações como bater, dar um tapa, empurrar, etc.

Violência institucional - É resultante da falta de acesso aos serviços necessários que as pessoas que vivenciam situações de violência têm direito. Pode se caracterizar também pela má qualidade ou inadequação do atendimento desses serviços, que representa mais uma agressão a pessoas que buscam assistência depois de serem agredidas.

Violência moral - Qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Violência patrimonial - Qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos.

Violência sexual - É qualquer ato sexual não consentido ou a tentativa de obtê-lo por meio da intimidação psicológica, emocional ou força física. Considera-se violência sexual, também, qualquer conduta que constranja uma pessoa a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade; que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez ou ao aborto, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; limitando ou anulando o exercício de seus direitos sexuais e direitos reprodutivos.

Virilidade - Culturalmente, o estereótipo de virilidade está relacionado com o comportamento masculino; seja sexualmente, psicologicamente ou fisicamente. Dessa forma, o homem viril, musculoso, com aparência peluda, com voz grave e um forte desempenho sexual permanecem como um modelo de homem ideal.

Vulnerável - Trata-se da designação de “grupos ou indivíduos fragilizados, jurídica ou politicamente, na promoção, proteção ou garantia de seus direitos de cidadania”. Segundo o artigo 217 A – Lei nº 12.015/09, vulnerável é o conjunto de pessoas que por questões ligadas a gênero, idade, condição social, deficiência, orientação sexual, raça, regionalidade, religião, entre outras, tornam-se mais suscetíveis à violação de seus direitos.

Vulnerabilidade social - Diz respeito às situações de menos privilégios sociais. Podemos perceber, por exemplo, os aspectos em nossa sociedade que podem funcionar como uma barreira à prevenção e ao autocuidado: nem todos os/as jovens têm acesso à informação e a serviços de saúde específicos; as mulheres ainda têm muita dificuldade para negociar o uso da camisinha com seus parceiros; a divulgação da distribuição de preservativos e outros métodos contraceptivos é insuficiente, como também, há o estigma sobre quem busca por estes métodos contraceptivos; o número de programas de prevenção e de atendimento a adolescentes vítimas de violência ainda é muito pequeno.

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) **O corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 151-172

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6a ed. Petró-

polis, RJ: Vozes, 2003.

RUBIN, Gayle. **Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade**. (F. B. Martins Fernandes, trad., M. Pillar Grossi, rev.). Em 02 ago., 2012, <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/gaylerubin.pdf>.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Jul/dez, 1995, vol. 20 n. 2, p.71-99.

ALGUNS SERVIÇOS DE APOIO NO RIO DE JANEIRO:

NAVIS – Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência

Rua dos Inválidos 152 – Centro – Rio de Janeiro | Telefone: 3399-3837 | Atendimento: 2ª a 6ª feira de 9h às 18h; sábado de 9h às 17h

NÚCLEO ESPECIALIZADO NO ATENDIMENTO À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA (NUDEM)

Av. Marechal Câmara 314/térreo – CEP 20020-080 | Telefone: (21) 2299-2272 | Referência: Perto da Santa Casa | Atendimento: 1º atendimento 2ª e 5ª feira M/T

Linha 180 – Central de Atendimento à Mulher – Serviço Nacional

Ligue: 180

O número 180 é uma linha telefônica a nível nacional criada pela Secretaria Especial de Política para as Mulheres (SPM) do Governo Federal. Este número pode ser acessado em todo território nacional.

Disque Mulher

Telefone: (21) 2299-2121 | Atendimento: de 2ª a 6ª feira de 9 às 17h

Ouvir Mulher (RJ)

Telefone: (21) 2503-4622 | Atendimento: 2ª a 6ª feira de 8h às 17h

Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher no Estado do Rio de Janeiro (DEAM)

Todas as DEAMs estão subordinadas

à Divisão de Polícia de Atendimento à Mulher (DPAM) – Coordenadoria das DEAMs. | Rua da Relação 42/11º andar – Centro – Rio de Janeiro | Telefone: (21) 3399-3060

Número de Telefone das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher

DEAM LEGAL-RIO (CENTRO)

Rua Visconde de Rio Branco 12 – Praça Tiradentes | CEP 20060-080 | Telefone: (21) 3399-3370, 3399-3377, 3399-3373 e 3399-3379

DEAM-CAXIAS

Rua Tenente José Dias 344 – Centro – CEP 25110-305 | Telefone: (21) 3399-3710, 3399-3708 | Telefone/fax (21) 2671-7757 | Referência: Em frente ao Colégio Santo Antônio

DEAM-NOVA IGUAÇU

Rua Joaquim Sepa 180 – Marco 2 – CEP 26261-100 | Telefone: (21) 3399-3720, 3399-3721 e 2667-4121 | Telefone/fax (21) 3399-3718 | Referência: Dois pontos de ônibus depois da Faculdade de Nova Iguaçu

DEAM LEGAL-OESTE

Av. Maria Tereza s/nº – Campo Grande – CEP 23050-160 | Telefone: (21) de 3399-5710 até 3399-5718 | Referência: Pegar entrada para Estrada do Mendanha na Av. Brasil. Próximo ao Hospital Rocha Faria; ao lado da 35ª DP

DEAM-NITERÓI

Av. Ernani do Amaral Peixoto 577 - Niterói | CEP 24020-073 | Telefone: (21) 3399-3700, 3399-3701, 3399-3698 e 3399-3703 | Referência: Em frente ao Fórum, no prédio da 76ª DP

DEAM-SÃO GONÇALO

Av. 18 do Forte 578 - Mutuá - CEP 24635-000 | Telefone: (21) 3399-3730, 3399-3733 e 3399-3731 | Referência: Após o Clube Mauá, primeira rua à direita, ao lado da 72ª DP.

DEAM LEGAL-BELFORD ROXO

Av. Retiro da Imprensa 800 - Belford Roxo | Nova Pian - CEP 26112-180 | Telefone: (21) 3399-3980 e 3399-3985 | Referência: Após o Habbib's primeira à direita e primeira à esquerda. Ao lado da 54ª DP

DEAM LEGAL-JACAREPAGUÁ

Rua Henriqueta 197 - Tanque - CEP 22735-130 | Telefone: (21) 3399-7580, 399-7581, 3399-7585 e 33997587 | Telefone:/fax (21) 3392-2186 | Referência: Rua do Posto de Saúde, do Corpo de Bombeiros e da Cedae. Ao lado da 41ª DP

DEAM-VOLTA REDONDA

Av. General Newton Fontoura 540 | Aterrado Nossa Senhora das Graças | Telefone: (24) 3399-9140, 3399-9141 e 3399-9142 - Telefone:/fax (24) 3399-9148 | Referência: Rua atrás da 93ª DP

ABRIGOS DE ATENÇÃO ÀS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Os Abrigos de atenção às mulheres que sofreram violência doméstica são locais que podem ser acessados pelas vítimas que estão em situação de risco de vida. Nestes espaços as mulheres também

podem levar seus filhos e filhas. Os endereços não são divulgados com o intuito de proteger as vítimas.

Casa Abrigo Maria Haydée Pizarro Rojas - Rio de Janeiro

Atendimento: 24 horas | Encaminhamento: através do Rio Mulher | Telefone: (21) 2222-0861 ramais 205, 206, 228 e 231

Casa Abrigo Lar da Mulher - Rio de Janeiro

Atendimento: 24 horas | Encaminhamento: através do Disque Mulher | Telefone: (21) 2299-2121

Casa Abrigo Deiva Rampini - Volta Redonda

Atendimento: 24 horas | Encaminhamento: através da Casa Berta Lutz | Telefone: (24) 3345-4444 - Ramal: 268

Casa da Mulher Benta Pereira - Campos de Goytacazes

Atendimento: 24h | Encaminhamento: através do NIAM | Telefone: (22) 2735-3925

SERVIÇOS DE SAÚDE COM FOCO NO ATENDIMENTO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Instituto Municipal da Mulher Fernando Magalhães

O Instituto da Mulher Fernando Magalhães atende as mulheres que foram vítimas de violência sexual e é uma instituição que realiza o aborto previsto em lei.

Rua General José Cristino 87 - São Cristóvão | CEP 20921-400 | Telefone: (21) 2580-8343 - Ramal: 231 e 2580-1132 | Atendimento: 24 horas | Referência: Perto do Campo de São Cristóvão

SOS Mulher - Centro de Atenção à Mulher Vítima

Rua do Prado 325 - Santa Cruz - CEP 23555-012 | Telefones: (21) 2299-7809, 2299-7810, 2299-7811, 2299-7812 | Referência: Perto da estação de Santa Cruz | Atendimento: 24 horas

Hospital Geral de Nova Iguaçu (Hospital da Posse)

Av. Henrique Duque Estrada Mayer 953 - Posse | Nova Iguaçu - CEP 26030-380 | Telefones: (21) 3779-9900 ramal 245 Tel/fax (21) 2667-4152 | Atendimento: 24 horas

Hospital Universitário Antonio Pedro (HUAP)

Rua Marques do Paraná 303 - Centro - Niterói | CEP 24030-210 | Telefone: 2629-9070

Hospital Maternidade Alexander Fleming

Rua Jorge Schmidt 331 - Marechal Hermes | CEP 21610-345 | Tel (21) 2450-2580 e 2450-2007 (Gabinete) | Atendimento: 24 horas | Referência: Próximo à Comlurb e à 30ª DP

Unidade Integrada de Saúde Herculano Pinheiro

Av. Ministro Edgard Romero 276 - Madureira | CEP 21360-200 | Telefone: (21) 3390-0180 e 3390-8374 | Atendimento: 24 horas | Referência: Em frente ao Mercado de Madureira

Hospital Maternidade Carmela Dutra

Rua Aquidabã 1.037 - Lins de Vasconcelos | CEP 20720-290 | Telefone: (21) 2597-3552 e 2269-5446 (gabinete) | Atendimento: 24 horas | Referência: Paralela à Rua Dias da Cruz

Hospital Maternidade Oswaldo Nazareth

Praça XV de Novembro 4 fundos - Centro | CEP 20010-010 | Telefone: (21) 2507-6001 e 2224-3875 | Atendimento: 24 horas | Referência: Perto da estação das barcas

Hospital Municipal Lourenço Jorge

Av. Ayrton Senna 2.000 - Barra da Tijuca | CEP 22775-000 | Telefone: (21) 3111-4600, 3111-4603 e 3111-4607 | Atendimento: 24 horas | Referência: Atrás do BarraShopping

Hospital Municipal Miguel Couto

Rua Mário Ribeiro 117 - Gávea - CEP 22431-000 | Telefone: (21) 3111-3800, 3111-3711 e 3111-3712 | Referência: Em frente ao estádio do Flamengo

Hospital Municipal Paulino Werneck

Estrada do Cacuia 745 - Ilha do Governador | CEP 21921-001 | Telefone: (21) 3111-7700 / 3111-7705

Hospital Municipal Salgado Filho

Rua Arquias Cordeiro 370 - Méier - CEP 20770-000 | Telefone: (21) 3111-4100 e 3111-4101 | Referência: Próximo à estação de trem

Hospital Municipal Souza Aguiar

Praça da República 111 - Centro - CEP 20211-350 | Telefone: (21) 3111-2630 e 3111-2601 | Referência: Em frente ao Campo de Sant'Ana

Atendimento e Informações às Mulheres Soropositivas (HIV/Aids)

Hospital Universitário Pedro Ernesto/Grupo Parceiros da Vida

Boulevard 28 de Setembro 87/5º andar - Vila Isabel | CEP 20551-030 | Anfiteatro-Setor de Ginecologia | Telefone: 2587-6153, 2587-6157 e 2587-6506 |

Reuniões toda primeira 5ª feira do mês,
das 14h às 16:30h

Disque Saúde

Ligue 0800-611997. | Orientações sobre
saúde e informações sobre DST/Aids. |
Atendimento: 2ª a 6ª feira das 8h às 18h

Centro de Referência em Direitos Humanos para Gays, Lésbicas, Bis- sexuais, Travestis, Transexuais e Aliados

*Serviço prestado pela Sociedade Civil
em parceria com a Secretaria de Assis-
tência Social e Direitos Humanos.*

Av. Rio Branco 131 - 16º andar - Centro
- Rio de Janeiro | CEP 20040-006. | Te-
lefone: 3399-1304 / 3077-9116 | Atendi-
mento: 2ª a 6ª feira, das 10h às 18:30h

FUNDAÇÃO PARA INFÂNCIA E ADO- LESCÊNCIA (FIA)

Órgão do Governo do Estado do Rio de
Janeiro, que presta os seguintes servi-
ços:

• Programa de Atenção à Crianças e Adolescentes Vítimas de maus tratos

Telefone: (21) 2293-2099, 3971-1902 e
2293-0958

• Disque-Denúncia "Combate à Ex- ploração Sexual"

Telefone: (21) 2504-1688

• SOS Criança Desaparecida

Telefone: (21) 2286-8337, 2299-1434,
2286-7631 e 2226-6375 | [soscriancas-
desaparecidas@fia.rj.gov.br](mailto:soscriancas-desaparecidas@fia.rj.gov.br)

• Programa Procuvo Minha Família

Ajuda a localizar parentes de pessoas
que estão ou estiveram abrigadas em
instituições públicas

Telefone: (21) 2579-2154, 2299-1470 e
2527-0598 | Rua Voluntários da Pátria
120 - Botafogo | CEP 22270-010 | Aten-
dimento: 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h. |
www.fia.rj.gov.br

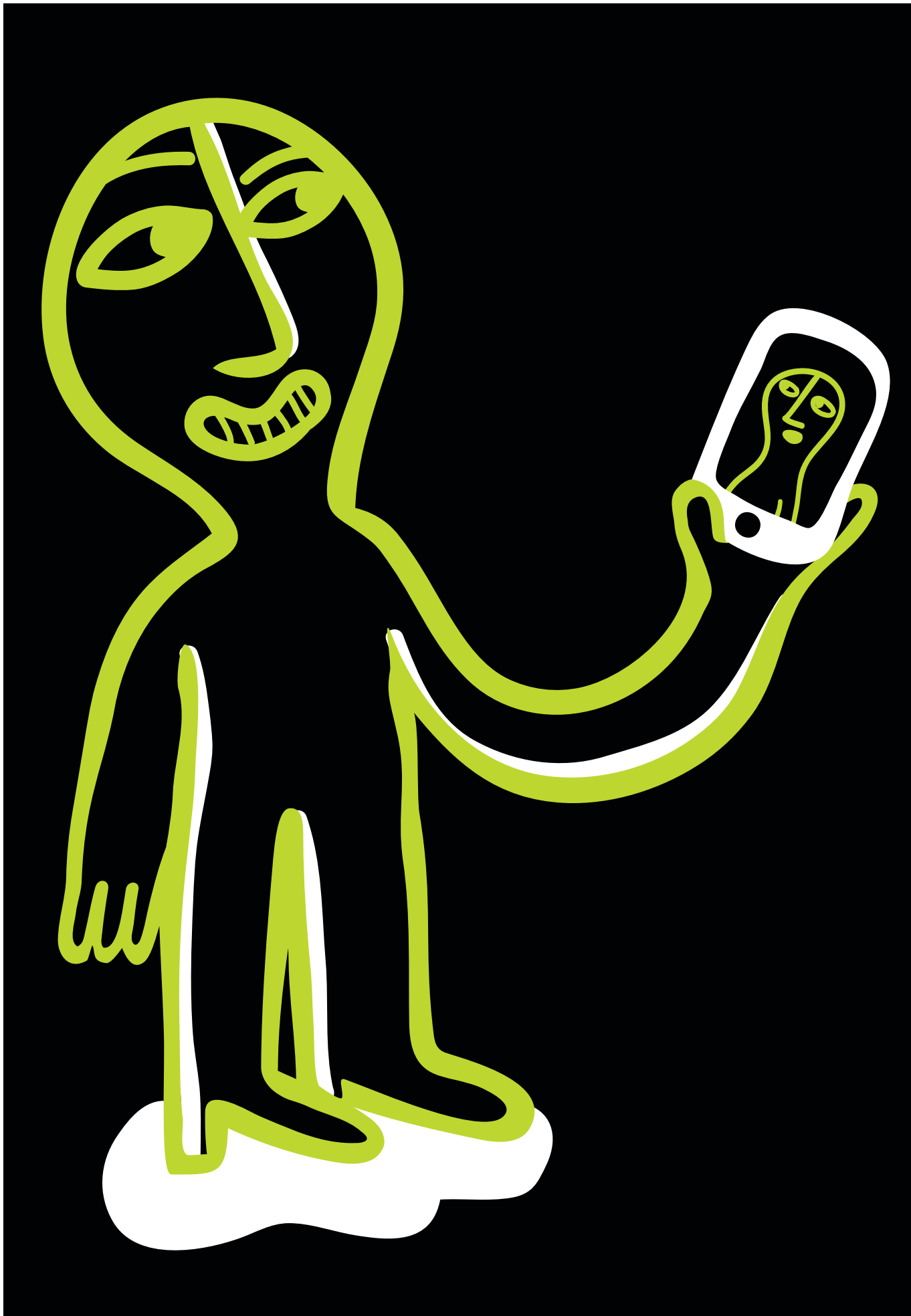
• Disque Denúncia de abuso, ex- ploração sexual praticados contra crianças e adolescentes

Telefone: 0800-990500 | Atendimento:
2ª a 6ª feira, das 8h às 18h

Instituto ProMundo

*O Instituto Promundo é uma organi-
zação não-governamental que busca
prevenir a violência contra mulheres,
crianças e jovens no Brasil e no mundo.*

Rua da Lapa, 161, sobrado | Centro - Rio
de Janeiro - Brasil | Cep. 20021.180 | Te-
lefone/Fax: +55 (21) 2544-3114 | e-mail:
promundo@promundo.org.br



Textos

Thayz Athayde
Rafaela Cotta
Linda Cerdeira

Equipe Instituto Promundo

Danielle Araújo - Pesquisadora Sênior
Danielle Lopes - Coordenadora de Projetos
Elisabete Pessanha - Consultora
Linda Cerdeira - Coordenadora de Projetos Sênior
Milena do Carmo - Coordenadora de Projetos
Mohara Valle - Consultora de Comunicação

Programação visual

REC Design

Financiamento

United Nations Trust Fund

Projeto desenvolvido em Cooperação com o Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, com a colaboração do Núcleo de Atendimento à Violência.

